



Leticia Fontoura Leite de Barros

**Transmitir para preservar; os mestres de capoeira e sua
importância para a manutenção da capoeira.**

Monografia apresentada à Graduação em História da PUC- Rio como
requisito parcial para obtenção do título de licenciado em História

Orientador: Juçara Melo

Rio de Janeiro

22 de Novembro de 2019

Agradecimentos:

Gostaria primeiramente de agradecer a minha orientadora, Professora Juçara Melo pela imensa contribuição feita para que este trabalho pudesse ser realizado. Seu auxílio foi essencial em todo o processo de pesquisa e escrita e seu conhecimento sobre o tema foi indispensável para a realização do trabalho.

Ao professor Sérgio Barra e ao CNPq que possibilitaram a realização da minha iniciação científica por dois anos que foi quando tomei conhecimento do tema.

Aos professores da graduação do Departamento de História da PUC-RJ pelos conhecimentos que me passaram ao longo dessa trajetória.

Resumo:

O trabalho tem como objeto de estudo a Capoeira, mais especificamente os mestres de capoeira como elementos essenciais deste universo. O objetivo deste é estudar como o título de mestre é atribuído e sobretudo expor o motivo desses sábios serem tão importantes para a prática desde o início da capoeira até a sua recente patrimonialização pelo Estado brasileiro.

Palavras- chave:

Capoeira, Mestres, Patrimônio, Memória

Sumário

O que é Patrimônio e porque é tão importante.....	5
História da Capoeira, uma história de resistência.....	16
A importância, o patrimônio e o papel dos Mestres.....	27
Os Saberes dos Mestres de Capoeira.....	37
A arte de ensinar capoeira como uma forma de resistência.....	47
Considerações Finais.....	52
Referência Bibliográfica.....	53

O que é Patrimônio e porque é tão importante

Em 2008 a capoeira passou a ser considerada patrimônio cultural imaterial brasileiro o que foi de grande importância para a prática. Uma vez que o bem é registrado ele passa a fazer parte da memória coletiva oficial da nação, o que demonstra certo prestígio.

Antes, porém, de entrarmos nas questões de patrimonialização precisamos nos aprofundar um pouco mais no conceito de memória, pois o mesmo é essencial para quem ato de patrimonializar faça sentido.

“A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, o que ele representa como passadas”¹

A definição acima apresentada é o conceito de memória apenas como habilidade biológica que o ser humano tem de recordar acontecimentos, porém como o próprio Le Goff nos mostra em sua obra *História e Memória*, ela está muito além do que apenas a capacidade de recordar informações. A mesma possui diversas ramificações e mecanismos que podem ser controlados por fatores individuais e coletivos, além de abranger muito mais do que um conjunto de experiências individuais. Quando estamos falando de aspectos coletivos estamos falando muito além da possibilidade da sociedade interferir nas memórias de um indivíduo, mas também ao fenômeno de uma sociedade coletivamente construir uma memória que seja comum àqueles que fazem parte da mesma, esse fenômeno leva o nome de memória coletiva. A memória coletiva é aquela pertencente a um grupo de indivíduos que se enchem como semelhantes de alguma forma, seja étnica, religiosa, familiar, social, etc.

Essa memória coletiva, assim como a memória individual é construída e lapidada de tempos em tempos “(...) não existe memória coletiva bruta”². Desse modo a mesma se assemelha muito a memória individual, passando também por um processo de reconstrução constante “(...) cada vez que uma memória está relativamente construída ela efetua um trabalho de manutenção de coerência, de

¹ LE GOFF, Jaques. Memória. In: *História e Memória*. 7.ed. Campinas: Editora Unicamp, 2016, p. 419.

² LE GOFF, Jaques. Conclusão: o valor da memória. In: *História e Memória*. 7.ed. Campinas: Editora Unicamp, 2016, p. 437.

unidade, de continuidade, de organização.”³. A capoeira é um excelente exemplo dessa ocorrência, pois como veremos no próximo capítulo, ela deixa de ser uma prática criminalizada para se tornar Patrimônio Nacional.

Essa construção da memória coletiva, porém, não é um processo passivo, portanto, ocorrem diversas disputas de agentes e grupos sociais para ter espaço nesse universo.

“(…) a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em via de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando, todos, pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção.”⁴

Através da citação de Le Goff colocada acima é possível notar que tal questão no campo da memória coletiva não é recente, a disputa por seu controle é algo que ocorre em diversas sociedades. Tal fato ocorre pois é a partir do controle da construção de tal memória que se molda uma memória nacional, essencial para a formação de uma nação.

“A memória organizadíssima, que é a memória nacional, constitui um objeto de disputa importante, e são comuns os conflitos para determinar que datas, e que acontecimentos vão ser gravados na memória de um povo”⁵

Michael Pollak também afirma em seu texto, *Memória e identidade social*, que a memória também está ligada a construção de identidade do indivíduo e que caso essas não estejam suficientemente conectadas esse mesmo indivíduo começa a fazer questionamentos sobre a primeira. O mesmo pode acontecer com a construção da identidade coletiva, é necessário que a memória esteja atrelada a ela para que seja suficientemente forte a ponto de não ocorrerem questionamentos, portanto, para que não haja questionamentos sobre a identidade nacional, por parte de diversos grupos, o Estado precisa se preocupar com a construção de uma memória nacional forte e que abranja os diversos grupos que habitam o território nacional.

³ POLLAK, Michael. “Memória e identidade social”. In. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992, p. 206

⁴ LE GOFF, Jaques. Conclusão: o valor da memória. In: *História e Memória*. 7.ed. Campinas: Editora Unicamp, 2016, p. 435.

⁵ POLLAK, Michael. “Memória e identidade social”. In. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992, p. 204

O Estado tem diversas formas para controlar a construção dessa memória, Jaques Le Goff chega a citar em seu livro *História e Memória* instrumentos como rádio e televisão, ou seja, os veículos de mídia no geral podem ser utilizados para construir essa memória, basta difundir tal informação. Apesar de ser um livro de ficção a obra *1984* de George Orwell traz a seguinte frase ““(…) quem controla o presente, controla o passado.””⁶, o que se faz verdade uma vez que a memória passa por reformulações ao longo do tempo.

Le Goff também nos lembra que no passado as formas de construir e preservar essa memória eram muito diferentes, pois antes do surgimento da escrita não havia forma de registrar tal memória, se não na memória individual dos membros mais velhos daquelas sociedades. A relação com a memória e a transmissão eram muito diferentes pois como não havia maneira de documentar, os membros das sociedades sem escrita só transmitiam e lembravam aquilo que era essencial e/ou muito marcante. Com a escrita agora há a possibilidade de documentação do passado, permitindo a recordação de um volume de fatos e acontecimentos muito maior. Desse modo o ser humano passou a criar as mais variadas formas de preservar tal memória. “Em sua análise da memória coletiva, Maurice Halbwachs enfatiza a força dos diferentes pontos de referência que estruturam nossa memória e que inserem na memória da coletividade de que pertencemos”⁷

Uma das formas de fazer a manutenção dessa memória coletiva é com o patrimônio cultural, essa noção surgiu no final do século XIII e é uma prática típica de Estados Nacionais. O Patrimônio tem a função de destacar as características ímpares para construir um passado em comum que fará parte da identidade nacional, que supostamente será única para todos os seus membros.

De acordo com o portal do IPHAN pode ser considerado patrimônio cultural aqueles bens, sejam materiais ou imateriais, que possuem conexão com fatos históricos marcantes de determinado grupo e que por isso, necessitam ser conservados. Visto isso é possível dizer que patrimônio cultural é uma forma de construir a memória coletiva de um determinado grupo, ou até nação, pois registrar um bem como patrimônio cultural

⁶ ORWELL, George. 1984. Editora Nacional, São Paulo, 2004. p.36

⁷ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Revista estudos históricos, v. 2, n. 3, 1989, p.3

nacional implica que esse é uma parte importante da história para aqueles que se consideram pertencentes àquela nação.

A proteção do patrimônio foi institucionalizada apenas em 1937 e na época visava apenas preservar monumentos e obras de arte, ou seja, patrimônio material. Dessa forma foi criado o Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico em 13 de janeiro de 1937 e seu serviço de proteção foi regulamentado em 30 de novembro do mesmo ano. Tal órgão posteriormente deu origem ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Desse modo, por muito tempo, o que foi privilegiado como Patrimônio Cultural, foram os elementos da cultura colonizadora européia, deixando de fora o aspecto multicultural do Brasil. Após diversas transformações que ocorreram no país durante a década de 50 e 60 foi necessário recorrer a novas estratégias para a constituição da “memória nacional”. Em 1988, então, a constituição passou a reconhecer “bens de natureza material e imaterial” como constituintes do Patrimônio Cultural Brasileiro.

Em 4 de agosto de 2000 o Decreto no 3.551, institui o registro de bens de natureza imaterial como Patrimônio Cultural, atendendo uma necessidade histórica. “A criação desse novo mecanismo de preservação e valorização do patrimônio cultural resultou de um longo processo de reflexão sobre o reconhecimento da cultura tradicional e popular como objeto patrimonial”⁸. Essa publicação insere no contexto cultural brasileiro sociedades de folclorista, movimentos negros e indígenas e grupos de imigrantes de variados lugares.

“A limitação, durante mais de sessenta anos, dos instrumentos disponíveis de acautelamento, teve como consequência produzir a compreensão restritiva do termo preservação, que costuma ser entendido exclusivamente como tombamento. Essa circunstância veio reforçar a ideia de que as políticas de patrimônio são intrinsecamente conservadoras e elitistas, uma vez que os critérios adotados para o tombamento terminam por privilegiar bens que referem os grupos sociais de tradição europeia que, no Brasil, são em sua maioria, os grupos identificados às classes dominantes”⁹

Essa ampliação do conceito de patrimônio veio em parte por conta da globalização, pois foi a partir do reconhecimento de bens, que antes eram

⁸ Brasil, Decreto n 3.551 de 4 de agosto de 2000

⁹ LONDRES, Cecília. Para além da “pedra e cal”: por uma concepção ampla de patrimônio. Revista Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, v.147, 2001, p.189.

marginalizados, como Patrimônio Mundial que o país começou a se inserir nessa nova lógica internacional.

“Este processo aponta para a redefinição de direitos vinculados aos processos históricos e sociais definidores de identidades construídas a partir de categorias étnicas, processos relacionados ao reconhecimento da sociedade brasileira como possuidora de caráter multiétnico”¹⁰

Com essa nova noção de Patrimônio também foi necessário criar novos mecanismos de preservação dessa memória. Anteriormente o meio de preservação dos bens materiais era o registro em um dos livros do tombo¹¹, o que implicava uma série de restrições ao proprietário. O mesmo mecanismo não serviria para preservar o patrimônio imaterial, pois é constituído por patrimônio vivo e dinâmico, sendo assim está sujeito a mudanças. Tentar proibir que tais mudanças aconteçam pode ser muito prejudicial para a preservação do bem, pois tais mudanças são necessárias para que a prática continue fazendo sentido e sendo possível para seus praticantes.

A preservação dos bens de natureza imaterial ocorre através de uma política de salvaguarda que consiste em, identificar, registrar a etnografia, reconhecer, acompanhar e apoiar. “Trata-se de (re)conhecer e documentar o passado e o presente de uma expressão cultural que é constante e permanentemente (re)produzida no cotidiano dos grupos sociais que mantêm, de modo a identificar as formas mais adequadas de apoio à sua continuidade”¹². Para que todo esse processo aconteça, é preciso que um grupo solicite o processo de registro, diferentemente do tombamento que basta apenas que um único indivíduo solicitar o processo. “Interpretações e instituições, assim como lendas, mitos, ritos, saberes e técnicas, podem ser considerados exemplos de um patrimônio dito ‘imaterial’”¹³

¹⁰ CID, Gabriel da Silva Vidal. A capoeira como patrimônio cultural: na roda da memória quem inscreve identidades?. A política do intangível, 2012, p.73

¹¹ O registro do bem em um dos livros de tombo é mais conhecido popularmente como tombamento

¹² CARDOSO, Fabíola Nogueira da Gama. Diversidade cultural e identidade nacional: Aspectos da política federal de registros de bens culturais de natureza imaterial, in: *Práticas e Reflexões*. Rio de Janeiro, IPHAN, 2007

¹³ LONDRES, Cecília. Para além da “pedra e cal”: por uma concepção ampla de patrimônio. Revista Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, v.147, 2001, p.194.

É necessário atentar para que a ampliação do conceito de patrimônio não carregue com si uma banalização do conceito e a ideia de que tudo pode ser patrimonializado.

A preservação da memória e a valorização de bens de natureza imaterial, que antes eram ignorados pela política patrimonial existente, trouxe diversos efeitos como:

- “1. aproxima o patrimônio da produção cultural, passada e presente;
2. viabiliza leituras da produção cultural dos diferentes grupos sociais, sobretudo daqueles cuja tradição é transmitida oralmente, que sejam mais próximas dos sentidos que essa produção tem para seus produtores e consumidores, dando-lhes voz, não apenas na produção, como também na leitura e preservação do sentido de seu patrimônio;
3. cria melhores condições para que se cumpra o preceito constitucional do “direito à memória” como parte dos “direitos culturais” de todos os grupos formadores da sociedade brasileira;
4. contribui para que a inserção em novos sistemas, - como o mercado de bens culturais e do turismo- de bens culturais produzidos em contextos culturais tradicionais possa ocorrer sem o rompimento de sua continuidade histórica, contribuindo também para que essa inserção se dê sem o comprometimento dos valores que distinguem esses bens e lhes dão sentido particular.
5. fornece elementos para que os grupos cuja memória se sustenta na tradição oral possam reivindicar o reconhecimento de que são os responsáveis pela produção, transmissão e perpetuação de determinados conhecimentos, rituais e formas de expressão.”¹⁴

Esse reconhecimento teve maior impacto em grupos menos favorecidos social e economicamente pois o Estado passou a reconhecer não apenas o valor de sua cultura, mas também a importância dos mesmos na constituição da sociedade atual. Com esse novo conceito de patrimônio trouxe para muitos membros da comunidade praticante dos bens registrados benefícios simbólicos e em alguns casos até financeiros, além de terem seus direitos culturais reconhecidos oficialmente.

A roda de capoeira e o ofício dos mestres de capoeira são reconhecidos como Patrimônio Cultural Brasileiro desde 2008, a salvaguarda desse bem tem como objetivo a valorização da história e da resistência negra no Brasil e mostrar a importância da herança cultural africana na identidade brasileira.

Houve a realização de diversas pesquisas no campo da história e da antropologia para identificar os principais aspectos que fazem da Capoeira uma prática cultural desenvolvida no Brasil, nos anos de 2006 e de 2007. Tais aspectos

¹⁴ LONDRES, Cecília. Para além da “pedra e cal”: por uma concepção ampla de patrimônio. *Revist Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, v.147, 2001, p.196-197

acabaram sendo o Ofício dos Mestres de Capoeira e a Roda de Capoeira. Em 2008 após tal constatação foram gerados dois registros, o Ofício dos Mestres de Capoeira inscrito no Livro de Registro dos saberes e a Roda de Capoeira inscrita no Livro de Registro das Formas de Expressão.

“Tornou-se comum a utilização da denominação ‘Capoeira’ para fazer referência aos bens culturais reconhecidos como Patrimônio Imaterial Roda de Capoeira e Ofício dos Mestres de Capoeira”¹⁵

No ano seguinte ao registro, surgiu o Grupo de Trabalho Pró Capoeira implementado pelo Ministério da Cultura, para realização da política de preservação. “O GTPC foi composto pelo Presidente do Iphan, pelo Presidente da Fundação Cultural de Palmares (FCP), pelo Secretário de Políticas Culturais (SPC), pelo Secretário de Cidadania Cultural (SCC) e pelo Secretário da Identidade e da Diversidade Cultural (SID).”¹⁶

Em 2010 o grupo realizou três encontros com participação de cerca de 900 capoeiristas de todos os estados. Foram definidos seis eixos de debate: Capoeira e Políticas de Financiamento; Capoeira, Profissão, Organização Social e Internacionalização; Capoeira e educação; Capoeira, Esporte e Lazer; Capoeira e Políticas de Desenvolvimento Sustentável; Capoeira, Identidade e Diversidade. Também em 2010 foi criado o prêmio Viva Meu Mestre pelo qual foram contemplados 100 mestres com idade superior a 55 anos.

O Grupo de Trabalho Pró Capoeira foi extinto em 13 de dezembro de 2012, pois a portaria que o instituía expirou e o Programa Nacional de Salvaguarda e Incentivo à Capoeira não foi implementado. Desse modo em 2012 após se conferir as diversidades, os contextos e as particularidades foram implementadas ações de salvaguarda por estado.

Em 2010 o grupo realizou três encontros com participação de cerca de 900 capoeiristas de todos os estados. Foram definidos seis eixos de debate: Capoeira e Políticas de Financiamento; Capoeira, Profissão, Organização Social e Internacionalização; Capoeira e educação; Capoeira, Esporte e Lazer; Capoeira e Políticas de Desenvolvimento Sustentável; Capoeira, Identidade e Diversidade.

¹⁵ ALENCAR, Rívia Ryker Bandeira de (coord. e org.). Salvaguarda da Roda de Capoeira e do Ofício dos Mestres de Capoeira: apoio e fomento. Brasília: IPHAN, 2017, p. 10

¹⁶ ALENCAR, Rívia Ryker Bandeira de (coord. e org.). Salvaguarda da Roda de Capoeira e do Ofício dos Mestres de Capoeira: apoio e fomento. Brasília: IPHAN, 2017, p. 10

Também em 2010 foi criado o prêmio Viva Meu Mestre pelo qual foram contemplados 100 mestres com idade superior a 55 anos.

O Grupo de Trabalho Pró Capoeira foi extinto em 13 de dezembro de 2012, pois a portaria que o instituía expirou e o Programa Nacional de Salvaguarda e Incentivo à Capoeira não foi implementado. Desse modo em 2012 após se conferir as diversidades, os contextos e as particularidades foram implementados ações de salvaguarda por estado.

O Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI), se utiliza da Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial da Unesco, que tem quatro etapas, são elas:

- “1. Mobilização Social e Alcance da Política: apresenta um conjunto de ações que, por um lado objetiva fomentar a autogestão do patrimônio pelos próprios detentores e aperfeiçoar aptidões para o relacionamento com políticas públicas; por outro lado, demarca o papel do Iphan como mediador institucional e promotor de políticas instersetoriais.
2. Gestão Participativa no processo de Salvaguarda: conjunto de ações que buscam aperfeiçoar e produzir competências para o planejamento, elaboração, execução e avaliação de ações de salvaguarda.
3. Difusão e Valorização: conjunto de ações voltadas para a promoção do patrimônio cultural imaterial, com o objetivo de divulgar sua importância para a sociedade em geral
4. Produção e Reprodução Cultural: ações relacionadas diretamente com o apoio à manutenção e continuidade das práticas e saberes relacionados ao bem cultural Registrado.”¹⁷

Após a aplicação dessas etapas há alguns resultados que são esperados como por exemplo: a capacidade de autogestão do bem por parte dos capoeiristas, articulação de instituições e grupos em prol da preservação da capoeira e a sustentabilidade da prática.

Existem algumas ações de salvaguarda que podem ser realizadas pelo IPHAN para a preservação da prática da capoeira, por exemplo: pesquisa e mapeamento para identificar grupos e mestres em regiões significativas, reuniões com os mestres interessados para a construção de coletivos, reuniões com os coletivos formados para discutir os caminhos da política de Salvaguarda, juntamente com a Superintendência do IPHAN, oficinas de transmissão de saberes, ações para a divulgação do Ofício do Mestre de Capoeira, com foco em sua valorização, encontros que promovam o intercâmbio de saberes entre mestres,

¹⁷ ALENCAR, Rívia Ryker Bandeira de (coord. e org.). Salvaguarda da Roda de Capoeira e do Ofício dos Mestres de Capoeira: apoio e fomento. Brasília: IPHAN, 2017, p. 14

registros audiovisuais com relatos de mestres, publicação de biografias de mestres importantes de cada estado, organização e disposição de obras sobre o universo cultural da capoeira e a implantação de “Centro de Referência para a Capoeira”.

Tais ações visam garantir a continuidade da prática para que o bem não desapareça. Os órgãos de preservação, porém, também é preciso ter cuidado para que esse processo de registro e salvaguarda não interfira de forma negativa, porém, nem sempre é possível prever a reação dos praticantes frente ao registro.

A capoeira já traz um histórico de disputas dentro da própria prática pois as duas maiores correntes, a Capoeira Angola e a Capoeira Regional, têm versões diferentes sobre como a capoeira teria surgido. Os praticantes de Capoeira Angola, como indica o nome, afirmam que a capoeira foi criada em terras africanas e trazida para o Brasil pelos escravizados e por isso se encontra essa manifestação no país. Os praticantes de Capoeira Regional por outro lado afirmam que a capoeira é uma prática que foi criada no Brasil pelos escravizados tendo como base ritos e danças que praticavam no continente africano.

Essa disputa de memória também é causada pelo fato de que Mestre Bimba, considerado o “pai” da Capoeira Regional, incorporou elementos de outras artes marciais a capoeira, com isso os praticantes de Capoeira Angola afirmam que o estilo Regional não é autêntico e que a Capoeira Angola seria a capoeira verdadeiramente pura, gerando assim uma disputa por autenticidade. Autenticidade é um conceito utilizado historicamente na preservação de Patrimônio Material, mas que no senso comum foi transferido para o Patrimônio Imaterial, gerando assim conflitos em alguns bens, como o Jongo do Sudeste e a Capoeira. Com o registro da capoeira como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil esse conflito ganhou uma nova via, qual seria a capoeira registrada como patrimônio?

“(…) o processo do registro se deu em meio aos conflitos existentes no interior no próprio campo da capoeira. Como coloca Vassallo (2008), as percepções sobre patrimônio cultural nos grupos de capoeira não parecem ser uma reprodução dos termos dos órgãos públicos voltados para esse tema. Neste sentido, as concepções e instrumentos de preservação do patrimônio cultural nos chamam a atenção para as ressignificações que perpassam as políticas”¹⁸

¹⁸ CID, Gabriel da Silva Vidal. A capoeira como patrimônio cultural: na roda da memória quem inscreve identidades?. A política do intangível, 2012, p.72

De acordo com o IPHAN o registro não faz distinção a qual corrente de capoeira está registrado e sim que o registro abrange a diversidade da prática. Alguns praticantes de Capoeira Angola, porém, continuam afirmando que esta seria a verdadeira capoeira por se tratar de uma capoeira pura.

“Desta forma, metodologicamente, o inventário precisou dar conta de um retrato da capoeira, que refletisse suas várias vertentes e facetas, sem que apagasse as diferenças. No que toca a discussão sobre as vertentes da capoeira Wallace Barbosa nos fala que, que baseado em determinação do IPHAN, o inventário buscaria retratar a capoeira como um todo”¹⁹

Essa disputa de memória existe em parte porque a história da capoeira foi por muito tempo transmitida exclusivamente pela via oral, pois durante uma grande parte da história do Brasil a capoeira foi marginalizada, sendo até criminalizada em alguns momentos da história, dessa forma não existe uma grande documentação sobre ela. Por muito tempo o Brasil tentou apagar de sua memória o fato de ter existido escravidão, pois muitos acreditavam que isso era uma mancha na história do país, sendo assim, qualquer elemento cultural associado aos escravizados não poderiam ser lembrados. A história desse patrimônio vai ser melhor explorada no próximo capítulo.

Como anteriormente foi mostrado nem sempre o processo de registro é benéfico para a prática, pois um dos principais eixos da política de preservação de bens imateriais é a formulação de um dossiê. “Ressalta-se a importância do dossiê neste processo, lós seu texto é um importante instrumento na orientação de políticas de salvaguarda provenientes do registro.”²⁰. A elaboração desse dossiê exige uma série de conexões com agentes do próprio universo da capoeira, para que tal documento retrate o mais fielmente possível a realidade da prática. “(...) a própria elaboração do dossiê envolve a criação de alguns atores privilegiados. Nota-se que a montagem da equipe de trabalho e das instituições envolvidas

¹⁹ CID, Gabriel da Silva Vidal. A capoeira como patrimônio cultural: na roda da memória quem inscreve identidades?. A política do intangível, 2012, p.81

²⁰ CID, Gabriel da Silva Vidal. A capoeira como patrimônio cultural: na roda da memória quem inscreve identidades?. A política do intangível, 2012, p.76

denota uma equipe que estivesse ligada ao mundo acadêmico e ao universo da capoeira”²¹

A construção de tais redes são importantes para que se obtenha confiança para chegar o mais próximo possível dos praticantes e assim implementar as políticas de salvaguarda apropriadamente. Nem sempre, porém, é possível fazê-lo de forma totalmente imparcial. Desse modo podemos concluir que os órgãos e políticas de preservação acabam intervindo na prática, mesmo tentando evitá-lo.

Alguns dos conflitos que o processo de registro agravou, porém, já existem há algum tempo como foi anteriormente mencionado. As duas correntes, Capoeira Angola e Capoeira Regional, porém foram criadas visando um mesmo objetivo, limpar o nome da capoeira, como veremos melhor no próximo capítulo.

²¹ CID, Gabriel da Silva Vidal. A capoeira como patrimônio cultural: na roda da memória quem inscreve identidades?. A política do intangível, 2012, p.77

História da Capoeira, uma história de resistência

A Capoeira está presente em território brasileiro desde a época da colônia. O tráfico de escravos era um negócio muito lucrativo e com isso muitos negros escravizados foram trazidos para o continente americano, em grande parte para o território brasileiro. Durante três séculos milhões de africanos escravizados foram trazidos para o território hoje conhecido como Brasil.

“Esses negros eram transportados nos porões dos chamados navios negreiros ou tumbreiro, em condições bastante precárias e subumanas, motivo pelo qual eram muitos os que sucumbiam, por não aguentarem os rigores de uma viagem longa, sendo acometidos de doenças em virtude de maus-tratos”²²

Apesar de muitos chegarem aqui em mal estado devido a longa viagem e aos maus-tratos sofridos durante o percurso, do escravizados ainda eram um produto muito cobiçado pelos senhores de engenho e fazendeiros e desempenhavam os diversos serviços.

“Os negros eram usados nos mais diversos tipos de serviço: plantadores, semeadores, moedores de cana, vaqueiros, remeiros, mineiros, artífices, pescadores, lavradores, caldeireiros, marceneiros pedreiros, oleiros e ferreiros; eram domésticos, pajens, guarda costas, capangas, capatazes, feitores, capitães-do-mato e até carrasco de outros negros”²³

Por desempenharem as mais diversas funções os escravizados estavam presentes não somente nos engenhos e nas fazendas, mas também nos grandes centros, convivendo com outras parcelas da sociedade da época. “Com os escravos participando ativamente da sociedade, esta foi aos poucos absorvendo sua cultura: o que seria o Brasil, hoje, sem o legado do povo africano?”²⁴.

A capoeira era uma forma de defesa que os escravizados tinham, pois, os mesmos eram considerados propriedade e a maioria não podia ter armas. “Além do sofrimento infligido aos negros, a distância de sua terra natal, aliada a todas as outras condições adversas, encontradas nas novas terras, os fazia rebelar-se”²⁵.

A capoeira é um desses elementos culturais que foi incorporado pela sociedade brasileira posteriormente. “A história da capoeira está intimamente

²² CAMPOS, Helió. Capoeira regional: a escola de Mestre Bimba. SciELO-EDUFBA, 2009 p.25

²³ CAMPOS, Helió. Capoeira regional: a escola de Mestre Bimba. SciELO-EDUFBA, 2009 p.25

²⁴ CAMPOS, Helió. Capoeira regional: a escola de Mestre Bimba. SciELO-EDUFBA, 2009 p.26

²⁵ FONTOURA, Adriana Raquel Ritter; DE AZEVEDO GUIMARÃES, Adriana Coutinho. História da capoeira. Journal of Physical Education, v. 13, n. 2, 2002, p.142

ligada à história dos negros no Brasil”²⁶. Quanto sua origem existe uma disputa dentro do universo da capoeira, pois os praticantes de Capoeira Angola defendem que a capoeira foi trazida pelos escravos africanos, que já a praticavam em sua terra natal, já os praticantes de Capoeira Regional defendem que a capoeira foi criada em território brasileiro como forma de defesa dos escravos, contra seus senhores. Veremos maiores especificidades sobre ambas as correntes ao longo do trabalho.

Durante muitos anos a capoeira foi duramente reprimida e vista com maus olhos pela sociedade, “A capoeira era um ‘cancro moral’ que deveria ser extirpado, pois impedia a modernização do país.”²⁷. A prática porém não era apenas condenada no âmbito moral, mas também na legislação. “Em 1890, um ano após a proclamação da República, a capoeira foi criminalizada por meio do artigo 402 do código penal, que proibia sua prática”²⁸. Por muito tempo os negros tiveram dificuldade de se manifestar culturalmente, pois suas expressões eram marginalizadas, por isso a maior parte dessa herança cultural que temos hoje é fruto de uma transmissão feita oralmente.

“Não se trata, entretanto, de aspectos culturais isolados, mas sim, de um conjunto de características que, baseado nas organizações familiares e de sobrevivência, foi transmitido pela oralidade, dos mais antigos para os mais jovens, os quais perpetuaram sua cultura, adaptada ao Novo Mundo, até os dias de hoje”²⁹

Apesar dessas práticas terem resistido, como dito anteriormente por muito tempo a capoeira foi proibida no Brasil e vista com maus olhos pois era parte de uma cultura trazida para o continente americano pelos escravizados e a escravidão era vista como uma mancha na história, que deveria ser apagada e com isso muita documentação foi perdida. “Da documentação referente à época da escravatura, o pouco que existia foi queimado(...)”³⁰.

²⁶ FONTOURA, Adriana Raquel Ritter; DE AZEVEDO GUIMARÃES, Adriana Coutinho. História da capoeira. *Journal of Physical Education*, v. 13, n. 2, 2002, p.141

²⁷ VASSALO, Simone Pondé. Capoeiras e intelectuais: a construção coletiva da capoeira autêntica. *Revista Estudos Históricos*, v. 2, n. 32, p. 108

²⁸ CID, Gabriel da Silva Vidal; DE CASTRO, Maurício Barros. PROCESSOS DE PATRIMONIALIZAÇÃO E INTERNACIONALIZAÇÃO: ALGUMAS REFLEXÕES INICIAIS SOBRE O CASO DA CAPOEIRA ENTRE O NACIONAL E O GLOBAL."p. 184

²⁹ CAMPOS, Hellio. Capoeira regional: a escola de Mestre Bimba. *SciELO-EDUFBA*, 2009 p.27

³⁰ FONTOURA, Adriana Raquel Ritter; DE AZEVEDO GUIMARÃES, Adriana Coutinho. História da capoeira. *Journal of Physical Education*, v. 13, n. 2, 2002, p.141.

“Não existindo estes documentos, com o passar do tempo, fatos ocorridos na história da capoeira podem ter caído no esquecimento ou, eventualmente, terem sido distorcidos, pois grande parte do que hoje se sabe sobre a capoeira praticada pelos escravos foi transmitida através das gerações de forma verbal”³¹

Como vimos no início do capítulo anterior, porém, a memória está em constante construção e reconstrução, sendo assim o testemunho oral pode ser facilmente modificado por sua construção depender de memórias individuais. Quando há apenas a fonte do testemunho disponível, não é possível captar uma versão cem por cento correta, porém quanto mais testemunhos se coleta, mais próximo da versão original se chega. “É sabido que jamais poderemos apreender o real tal como ele é; apesar disso, insistimos em obter uma aproximação cada vez mais acurada dele, para aumentar qualitativamente e quantitativamente nosso conhecimento.”³²

No universo da capoeira, porém, há duas versões muito distintas sobre a origem da capoeira como já vimos antes e não há um consenso sobre isso. “Como é realmente difícil afirmar qual a verdadeira origem da capoeira, várias hipóteses são discutidas, ainda que não se possa chegar a um denominador comum fidedigno”³³.

As duas maiores correntes da capoeira são a Capoeira Angola e a Capoeira Regional e que uma das principais distinções entre as duas são os mitos fundadores. De forma simplificada os praticantes de Capoeira Angola acreditam que a capoeira já era uma forma de expressão tradicional africana e que foi trazida para o continente como é. Além disso enxergam a capoeira não como um esporte lúdico, mas sim como uma luta criada para defesa pessoal. “Mas, a Capoeira Angola é, antes de tudo, luta e luta violenta”³⁴

Os praticantes de Capoeira Regional por sua vez acreditam que a capoeira foi criada no Brasil, inspirada em danças e ritos existentes no continente africano, mas teria se consolidado como luta apenas na América Portuguesa como forma de se defender nas fazendas e engenhos, por parecer uma dança e não necessariamente uma luta.

³¹ FONTOURA, Adriana Raquel Ritter; DE AZEVEDO GUIMARÃES, Adriana Coutinho. História da capoeira. *Journal of Physical Education*, v. 13, n. 2, 2002, p.141.

³² ALBERTI, Verena, “Introdução”. In. *Manual da História Oral*. FGV Editora, Rio de Janeiro, 2013, p. 32

³³ CAMPOS, Helió. *Capoeira regional: a escola de Mestre Bimba*. SciELO-EDUFBA, 2009 p.28

³⁴ PASTINHA, Mestre. *Capoeira angola*. Governo Democrático da Bahia, Secretaria da Cultura, Fundação Cultural do Estado da Bahia, Ministério da Cultura, 1988, p.21.

“Apenas no correr dos anos 1920 e 1930 que a capoeira passou-as a sofrer um lento processo de descriminalização e a ser reconhecida como símbolo cultural do Brasil”³⁵. Esse processo foi liderado, principalmente, por dois mestres, Mestre Pastinha e Mestre Bimba que são da Capoeira Angola e Capoeira Regional respectivamente e foi quando essas diferenças ficaram claras.

“Apesar das tentativas de literatos e outros membros da elite carioca do começo do século XX de fazer dela uma ‘gymnastica brasileira’, seria pela mão de dois mestres de capoeira baianos, negros e oriundos das classes populares que a capoeira se tornaria, de fato, um esporte nacional, a partir das décadas de 1930 e 40”³⁶

“É necessário dizer que este fenômeno acontece num contexto histórico em que se dá um processo de renovação institucional das manifestações culturais negras em busca de legitimação, legalização jurídica, construção de autonomia territorial, visibilidade na imprensa, aceitação social, afirmação cultural, e maior expansão da sua prática para outras camadas sociais.”³⁷

Mestre Bimba, como muitos outros capoeiristas, trabalhou no cais do porto, lugar de concentração de capoeiragem. Bimba é considerado um dos primeiros pedagogos da capoeira, o mesmo também recebe o título de criador da capoeira regional.

“Considerando que a capoeira constituiu-se como ‘necessidade de defesa dos escravos africanos’, o mestre diz que criou a modalidade regional ‘para o fraco se defender do forte’, porque considerava que a capoeira angola, na qual se desenvolvera, ‘deixa muito a desejar’, pois ‘só mostra danças e acrobacias’”³⁸

A escola de mestre Bimba atraiu muitos universitários na época o que permitiu que o mesmo realizasse grandes ações pelo mundo da capoeira, como por exemplo uma apresentação oficial no palácio presidencial de Salvador no ano de 1936. Pouco depois, em 1937, Bimba recebeu autorização para que sua academia, o Centro de Cultura Física e Capoeira Regional, funcionasse legalmente, se tornando assim o primeiro centro de capoeiragem legal do Brasil.

³⁵ CID, Gabriel da Silva Vidal; DE CASTRO, Maurício Barros. PROCESSOS DE PATRIMONIALIZAÇÃO E INTERNACIONALIZAÇÃO: ALGUMAS REFLEXÕES INICIAIS SOBRE O CASO DA CAPOEIRA ENTRE O NACIONAL E O GLOBAL, p.184.

³⁶ REIS, Leticia. Mestre bimba e Mestre Pastinha: A capoeira em dois estilos.in. *Artes do corpo*, v. 2, 2004, p.189

³⁷ INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Dossiê Inventário para registro e salvaguarda da capoeira como patrimônio cultural do Brasil. Brasília, 2007, p.37

³⁸ REIS, Leticia. Mestre bimba e Mestre Pastinha: A capoeira em dois estilos.in. *Artes do corpo*, v. 2, 2004, p.195

Apesar de ser reconhecido como um personagem importante no mundo da capoeira, alguns o acusam de ter iniciado o processo de embranquecimento de tal elemento cultural, outros porém, afirmam que ele apenas abriu as portas para que a capoeira se tornasse mais diversa, refletindo assim sua brasilidade.

Bimba tirou a capoeira das ruas e a levou para ser praticada não só em academias, mas também em ringues e exposições o que facilitou para que a mesma passasse a ser reconhecida como outras lutas.

“Como vemos aqui, a capoeira de Bimba, restrita a espaços fechados e representada como um ‘desporto nacional’, partiu em busca da adesão de outras classes sociais, conseguindo até atrair atenção internacional por meio do turismo(...)”³⁹

No ano de 1953 mestre Bimba realizou uma apresentação de capoeira para Getúlio Vargas, na época presidente do Brasil, o próprio, na ocasião afirmou que a capoeira era uma luta nacional. Essa afirmação fortaleceu as ideias de intelectuais da época o que pode ter facilitado o reconhecimento de Bimba no mundo acadêmico mais tarde.

“Como vemos, mestre Bimba, para legitimar socialmente a capoeira, transpôs práticas e rituais acadêmicos (formatura, paraninfo), religiosos (batizado, padrinhos e madrinhas) e militares (as medalhas) para o mundo da capoeira.

Nessa pedagogia popular da capoeira, a avaliação do progresso dos alunos lembra um processo iniciático, no qual se valoriza a relação entre o mestre e o discípulo, uma vez que a transmissão do saber baseia-se na tradição oral. O ritual do batismo é um dos pontos altos do processo e assume o significado de um rito de passagem. Nessas ocasiões, é comum os capoeiristas receberem um ‘nome de capoeira’, pelo qual passarão a ser chamados”⁴⁰

É interessante notar que Bimba adotou uma estratégia que aproximava o ensino da capoeira a um modelo tradicional o qual a elite já estava familiarizada e, dessa forma, ganhou certo reconhecimento perante a pessoas que tinham o poder de elevar o status da capoeira. Talvez a familiaridade com os métodos da capoeira regional tenha tornado esse processo de valorização mais simples.

Bimba faleceu aos 74 anos no ano de 1974 e durante seu enterro houve toques de berimbau e um jogo de capoeira. O mestre era tão importante que as

³⁹ REIS, Leticia. Mestre bimba e Mestre Pastinha: A capoeira em dois estilos.in. *Artes do corpo*, v. 2, 2004, p.197

⁴⁰ REIS, Leticia. Mestre bimba e Mestre Pastinha: A capoeira em dois estilos.in. *Artes do corpo*, v. 2, 2004, p. 201

academias da Bahia permaneceram fechadas por sete dias, mas foi somente em 1996 que a Universidade Federal da Bahia lhe concedeu o título de doutor *honoris causa*.

“No entanto, a capoeira se fez nacional por obra de Bimba e Pastinha e, assim, podemos dizer que é um triunfo político dos negros brasileiros”⁴¹.

Pastinha foi iniciado na capoeira ainda menino com um africano chamado Benedito, aos 12 anos e ensinou capoeira a alguns colegas de lá. Aos 20 anos “deu baixa” e abriu sua primeira escola que por 12 anos funcionou no Mirante do Campo da Pólvora e em 1922 se mudou para Cruzeiro de São Francisco. A mudança para o novo local foi algo positivo, pois a nova sede ficava próxima a repúblicas estudantis, o que atraiu estudantes universitários que passaram a frequentar a academia.

Apesar de ser um nome importante do universo da capoeira, não era apenas de seus ensino que o mesmo sobrevivia, outra atividade que fazia frequentemente era pintar e vender quadros a óleo. Mesmo com essas duas atividades muitas vezes não era o suficiente então o Mestre, quando necessário, realizava os mais diversos serviços como por exemplo carpinteiro e engraxate, entre outros.

Assim como muitos capoeiristas do século xx, mestre Pastinha foi perseguido pela polícia, mas assim como Bimba, Pastinha queria elevar o status da capoeira para esporte e que a mesma deixasse de ser vista como vadiagem.

Pastinha se manteve algum tempo afastado da capoeira, mas em 1941 um de seus alunos o chamou para uma roda de capoeira em Gengibirra, lá lhe foi oferecido para comandar a roda e dirigir a academia que se tornaria o Centro Esportivo de capoeira Angola. “Mestre Pastinha esforçou-se por imprimir à prática da capoeira angola ali ensinada um caráter esportivo, ainda que a ludicidade estivesse lado a lado com a combatividade”⁴²

O centro porém não se manteve no mesmo lugar por dificuldades financeiras, foi necessário mudar-se várias vezes até se estabelecer no largo do pelourinho, de onde porém, também foram despejados depois de alguns anos.

⁴¹ REIS, Leticia. Mestre bimba e Mestre Pastinha: A capoeira em dois estilos.in. *Artes do corpo*, v. 2, 2004, p. 198

⁴² REIS, Leticia. Mestre bimba e Mestre Pastinha: A capoeira em dois estilos.in. *Artes do corpo*, v. 2, 2004, p. 207

Pastinha fazia questão de frisar que a capoeira era uma luta de origem africana usada pelos escravos para buscar sua liberdade. “Para assegurar a pureza da capoeira angola, Pastinha a reafrikanizaria, criando para ela um mito de origem que ligaria a uma Angola mítica.”⁴³

“Em sua terra nativa a capoeira recebia o nome de dança da zebra, também conhecida como *n'golo*. Essa dança era um ritual de iniciação feminina que marcava a passagem da adolescência para a idade adulta, durante o qual os homens lutavam como zebras, cabendo aos vencedores escolherem a mulher que desejassem”⁴⁴

Além de todas as ações que realizou, Pastinha também deixou uma enorme contribuição em termos de organização para o universo da capoeira. O mestre escreveu um livro que se configura quase como um manual de capoeira, onde explica os principais golpes, ritos e músicas do jogo de capoeira angola.

“Frisando que a capoeira ‘é luta violenta’, Pastinha adverte para a impossibilidade da aplicação plena de seus golpes durante as demonstrações esportivas, em virtude da violência intrínseca ao seus movimentos. No entanto, para Pastinha, essa luta é carregada de ludicidade, pois é inseparável da música e da dança. Os capoeiristas são dançarinos lutadores e lutadores dançarinos”⁴⁵

Durante toda sua vida Pastinha tentou reafrikanizar a capoeira e em sua narrativa frequentemente coloca a capoeira como um elemento não somente físico mas também místico. “Várias declarações de mestre Pastinha são perpassadas por uma visão de mundo que não dissocia a matéria do espírito”⁴⁶.

Como dito anteriormente Pastinha foi despejado do prédio do largo do Pelourinho pois o prédio entrou em reformas. Tal fato aconteceu no ano de 1971, o mestre não recebeu indenização pelo ocorrido nem receber seu material de volta. Em 1972 o mestre passou a receber uma pensão vitalícia no valor de um salário mínimo. Essa pensão foi concedida com ajuda do escritor Jorge Amado, que foi muito próximo do mestre, inclusive escreveu uma dedicatória que se encontra nos escritos de Pastinha que foram publicados.

⁴³ REIS, Leticia. Mestre bimba e Mestre Pastinha: A capoeira em dois estilos.in. *Artes do corpo*, v. 2, 2004, p. 209

⁴⁴ REIS, Leticia. Mestre bimba e Mestre Pastinha: A capoeira em dois estilos.in. *Artes do corpo*, v. 2, 2004, p. 209

⁴⁵ REIS, Leticia. Mestre bimba e Mestre Pastinha: A capoeira em dois estilos.in. *Artes do corpo*, v. 2, 2004, p. 210

⁴⁶ REIS, Leticia. Mestre bimba e Mestre Pastinha: A capoeira em dois estilos.in. *Artes do corpo*, v. 2, 2004, p. 212

Mestre Pastinha passou seu último ano de vida em um abrigo, onde faleceu no dia 14 de outubro de 1981 aos 94 anos. Mesmo sendo um nome tão importante para o universo cultural brasileira o sábio teve uma morte miserável e só não foi enterrado como indigente porque sua esposa conseguiu juntar dinheiro e comprar um caixão simples para lhe dar um pouco de dignidade.

Além de contribuir para o universo da capoeira com suas ações, Pastinha também deixou diversos pupilos que se tornaram grandes mestres e também ajudaram a elevar o status da capoeira. Os dois mais famosos são João Grande e João Pequeno de Pastinha que levaram a capoeira para o exterior e fizeram ela ser conhecida a nível internacional.

“Nesse sentido, se, no Rio de Janeiro de princípios do século xx, esboçou-se um jeito branco e erudito de converter a capoeira em esporte, houve também um jeito negro e popular de fazê-lo na Bahia, a partir da década de 1930. Porém, não existiu uma oposição absoluta entre ambos, pois se observa um movimento dinâmico de renovação de sentidos sociais, que põe em contato as culturas branca e negra no país. Se, de um lado, a cultura negra se embranqueceu, de outro a cultura branca se enegreceu, o que se desenrolou, evidentemente, sob signo da dominação e teve como necessária contrapartida a confrontação negra”⁴⁷

É possível notar que os dois mestres utilizaram duas estratégias diferentes para tirar a visão negativa da capoeira, enquanto um adotou a estratégia de colocar a capoeira no lugar de arte marcial o outro trouxe a capoeira considerada “pura” para um lugar místico e criando mitos fundadores ligados ao continente africano. Os dois estilos de capoeira tem sua devida importância, as duas estratégias foram essenciais para valorizar a capoeira em todos os seus aspectos.

Alguns acreditam que a capoeira regional seria uma afirmação de identidade mais ampla pois coloca o negro como um ser integrado a sociedade branca. A capoeira angola por sua vez reafirma a identidade negra o que teve peso posteriormente para a discussão da construção política de uma “consciência negra”.

Foram muitos anos e muito trabalho dos mestres para que a capoeira parasse de ser vista como uma vergonha e passasse a ser reconhecida pelos brasileiros como uma luta nacional. Foi, porém, somente no ano de 2004 que se iniciou o processo para que a capoeira fosse reconhecida como patrimônio

⁴⁷ REIS, Leticia. Mestre bimba e Mestre Pastinha: A capoeira em dois estilos.in. *Artes do corpo*, v. 2, 2004, p. 198

cultural. O processo se iniciou devido a iniciativa do ministro da cultura da época, Gilberto Gil, que após a realização de uma roda de capoeira em um evento da ONU em Genebra. Após a apresentação ocorrer o ministro sugeriu que os capoeiristas se engajassem para candidatarem a Roda de Capoeira para se tornar Patrimônio Cultural da Humanidade.

“Tendo em vista o enorme contingente de capoeiristas no Brasil, a coleta de anuências à candidatura ocorreu em eventos diferentes. Em 2010, durante a realização dos encontros Pró-Capoeira, após a apresentação dos termos e condições para a candidatura à Unesco, 181 detentores assinaram declaração de anuência. Em 2012, o Iphan lançou uma campanha por meio de plataforma digital com o intuito de divulgar a candidatura para aqueles detentores ainda não contactados e, com isso, coletar mais assinaturas. Por meio dessa “petição pública” conseguiu-se a anuência de 955 capoeiristas. Em 2013 foram produzidos vídeos com mestres de capoeira declarando o apoio à candidatura. Esses mestres são atuantes na salvaguarda da Roda de Capoeira e trabalham junto ao Iphan na execução e proposição de medidas de salvaguarda”⁴⁸

No ano de 2014 a Roda de Capoeira foi finalmente reconhecida como Patrimônio Cultural da Humanidade o que foi de grande importância, pois, a capoeira é considerada um símbolo da resistência da cultura negra no Brasil. Com o reconhecimento essa herança afro-brasileira deve ser reconhecida e divulgada internacionalmente, mas ainda cabem aos órgãos brasileiros de preservação que realizem as ações necessárias para que o patrimônio seja salvaguardado.

Mesmo depois de ter sido reconhecida como patrimônio ainda houveram alguns procedimentos para que pudessem começar as ações de salvaguarda. Antes de ser reconhecida como patrimônio da humanidade, a Roda de Capoeira, juntamente com o Ofício dos Mestres de Capoeira, foram reconhecidos como Patrimônio Cultural brasileiro através de um decreto presidencial no ano de 2008.

Para estabelecer ações eficientes de salvaguarda é necessário que se estabeleça um diálogo com os praticantes, pois, como vimos anteriormente, não basta apenas reconhecer como patrimônio quando estamos tratando com patrimônio vivo, é necessário implantar ações de salvaguarda que garantam a continuidade da prática, porém, sem interferir com a autonomia dos praticante. Com o objetivo de estudar quais seriam as melhores ações para se implantar foi criado Grupo de Trabalho Pró-Capoeira, no ano de 2009.

⁴⁸ALENCAR, Rívia Ryker Bandeira de (coord. e org.). Salvaguarda da Roda de Capoeira e do Ofício dos Mestres de Capoeira: apoio e fomento. Brasília: IPHAN, 2017, p.9.

“O GTPC realizou, em 2010, três encontros regionais com a participação de capoeiristas de todos os estados do país (Brasília – região norte e centro-oeste; Recife – região nordeste e Rio de Janeiro – região sul e sudeste). Os encontros somaram a participação de cerca de 900 capoeiristas.

Foram realizados grupos de trabalho para o debate de seis eixos temáticos: Capoeira e Políticas de Financiamento; Capoeira, Profissão, Organização Social e Internacionalização; Capoeira e Educação; Capoeira, Esporte e Lazer; Capoeira e Políticas de Desenvolvimento Sustentável; Capoeira, Identidade e Diversidade. No mesmo ano foi lançado o Prêmio Viva Meu Mestre, com o objetivo de reconhecer e fortalecer a tradição cultural da Capoeira. Foram contemplados 100 mestres com idade superior a 55 anos.”⁴⁹

Apesar de ter realizado diversas ações benéficas para o universo da capoeira o grupo foi extinto em 2012 pois a Portaria que o instituiu expirou. Com isso não houve a implantação de uma política de salvaguarda nacional e cada superintendência estadual ficou responsável por implementar uma política de salvaguarda e todo esse trabalho é feito em conjunto com os capoeiristas.

A história da capoeira ainda não foi tão explorada assim, pois, como dito anteriormente muito da documentação existente da época da escravidão, que é quando a capoeira surgiu no Brasil, foi queimada. Com isso uma das poucas fontes ainda existentes é a fonte oral, que foi como a capoeira se perpetuou todos esses anos.

Sem dúvida a história da capoeira é muito mais do que apenas a história de um esporte, A capoeira traz consigo uma história de resistência, não apenas por ser uma luta usada para resistir à escravidão, mas também por ser um elemento cultural que permaneceu vivo mesmo com todas as dificuldades que foram impostas.

“Na cultura em geral, há sempre uma figura fundamental, responsável pelos processos envolvendo a memória coletiva: a figura do mestre. Os mestres exercem um papel central na preservação e transmissão dos saberes que organizam a vida social no âmbito da cultura popular, caracterizando assim, a oralidade como forma privilegiada dessa transmissão”⁵⁰

Analisando a história da capoeira é possível perceber que os mestres de capoeira têm um papel fundamental nesse decorrer pois são eles que possuem os saberes da arte e transmiti-los foi o que manteve a prática viva. Veremos também

⁴⁹ ALENCAR, Rívia Ryker Bandeira de (coord. e org.). Salvaguarda da Roda de Capoeira e do Ofício dos Mestres de Capoeira: apoio e fomento. Brasília: IPHAN, 2017, p.10.

⁵⁰ ABIB, P. Os velhos mestres de capoeira ensinam pegando pelas mãos. In: Actas do VI Congresso Português de Sociologia-Mundos Sociais: Saberes e Práticas. 2008, p.5-6

no próximo capítulo algumas outras razões pelas quais os mestres de capoeira devem ser reconhecidos e valorizados, pois eles ajudaram a mudar a visão sobre a capoeira tanto no cenário nacional quanto internacionalmente.

A importância, o patrimônio e o papel dos Mestres

Patrimônio Cultural ainda é algo nebuloso no senso comum, para a maioria das pessoas significa vários prédios e monumentos tombados pela cidade e que não devem ser modificados de forma alguma. O Patrimônio Cultural por muito tempo foi considerado como um conjunto de bens materiais, como por exemplo monumentos, edificações e obras de arte. Consequentemente os profissionais que trabalhavam nessa área eram em sua maioria arquitetos e historiadores da arte e a política mais usada era a de tombamento⁵¹.

O tombamento foi positiva por um lado pois preveniu a perda de diversos bens cuja perda seria irreparável porém também teve algumas consequências negativa como por exemplo a ideia de que a imutabilidade é imprescindível para um patrimônio, além de que esse processo acabou por privilegiar a cultura européia e praticamente ignorando a cultura de outros povos que também estão presentes no país. “Reduzir o patrimônio cultural de uma sociedade às expressões de apenas algumas de suas matrizes culturais- no caso brasileiro, as de origem européia, predominantemente a portuguesa- é tão problemático quanto reduzir o papel das políticas de preservação à proteção legal da dimensão física do bem”⁵².

A constituição de 1988 ampliou a noção de patrimônio, permitindo que bens de natureza imaterial passassem a ser registrado pelo atual IPHAN. Esse passo foi muito importante visto que com a noção de patrimônio ampliada, agora é possível registrar e valorizar bens das mais diversas culturas e não apenas aquelas correspondentes a cultura européia. “Interpretações e instituições, assim como lendas, mitos, ritos, saberes e técnicas, podem ser considerados exemplos de um patrimônio dito ‘imaterial’”⁵³. Isso facilitou que elementos das culturas até então marginalizadas passassem a ser registrados como patrimônio cultural, o que é muito importante pois significa que tais elementos passaram a ser reconhecidos e valorizados como constituintes da cultura nacional.

⁵¹ A política de tombamento é realizada pelo órgão competente e tem como sua principal característica a proibição de venda, distribuição ou descaracterização do bem.

⁵² LONDRES, Cecília. Para além da “pedra e cal”: por uma concepção ampla de patrimônio. **Revista Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro**, v. 147, 2001, p.191

⁵³ LONDRES, Cecília. Para além da “pedra e cal”: por uma concepção ampla de patrimônio. **Revista Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro**, v. 147, 2001, p.194

Essa ampliação porém trouxe o desafio de criar políticas públicas para a proteção desses bens, pois ao falar de patrimônio vivo, o tombamento passa a não ser uma ferramenta adequada para que essa valorização ocorra. Por se tratarem de práticas cotidianas em sua maioria, o patrimônio de natureza imaterial só vai existir enquanto ainda fizer sentido para aquele grupo que o pratica. Desse modo, não é possível tornar o bem imutável, pois com o passar do tempo, para que tal ação continue a fazer sentido é necessário que ela se modifique. “(...) cada vez que uma memória está relativamente construída, ela efetua um trabalho de manutenção de coerência, de unidade, de continuidade, de organização.”⁵⁴

Uma solução encontrada para a questão anterior foi a criação do processo de salvaguarda, que consistem em uma série de ações, específicas para cada bem, para estimular a continuidade da prática. No caso da capoeira algumas ações realizadas são:

- pesquisas, mapeamentos e inventários participativos, com intuito de identificar e mapear grupos e mestres de capoeira em municípios ou regiões significativas para o contexto de cada estado da federação;
- reuniões com os mestres e grupos de capoeira que estejam interessados em desenvolver ações de salvaguarda com o intuito de construir o coletivo deliberativo que irá propor as ações para o estado;
- reuniões com os mestres e grupos de capoeira que compõem o coletivo deliberativo para discutir, junto com a Superintendência do Iphan, os encaminhamentos para a Salvaguarda da Capoeira no estado;
- oficinas de transmissão de saberes sobre a Roda de Capoeira (por exemplo: oficinas de fabricação e/ou execução de instrumentos musicais utilizados na Capoeira, oficinas de cantos, história da Capoeira) para praticantes e o público em geral;
- ações educativas de difusão do Ofício de Mestre de Capoeira e da Roda de Capoeira para diversos públicos (escolas, instituições públicas e privadas): palestras, seminários, colóquios e oficinas sobre aspectos históricos e culturais da Capoeira na localidade em foco com o objetivo de promover e divulgar o bem cultural e seu valor patrimonial;
- encontros e intercâmbios que promovam trocas de experiências e de saberes dos mestres de Capoeira que estejam calcados nas heranças culturais tradicionais da prática;
- registros audiovisuais com relatos de memória de mestres capoeiristas com o objetivo de constituir acervo de história oral e audiovisual sobre o ofício de Mestre de Capoeira e de suas histórias de vida;
- publicações contendo a biografia de mestres importantes no estado e a história da Capoeira naquela localidade, pela perspectiva dos próprios capoeiristas;
- apoio na organização, conservação e disponibilização de acervos sobre o universo cultural da Capoeira para disponibilização pública; e

⁵⁴ POLLAK, Michael. “Memória e identidade social”. In. Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992, p. 206

- implantação de Centro de Referência para a Capoeira”⁵⁵

Essas ações são pensadas para curto, médio e longo prazos, para que tenham a maior eficiência possível, porém sem interferir na prática diretamente e respeitando a autonomia dos grupos praticantes. Esse respeito é essencial para não correr o risco de alguma forma alterar esse patrimônio. Apesar desse patrimônio poder ser alterado por seus próprios praticantes futuramente, garantir que o próprio órgão protetor não o faça é de extrema importância pois quando falamos de patrimônio cultural

De acordo com Michael Pollack a formação de identidade de um indivíduo passa por um processo de identificação com o seu passado, porém como se identificar com o seu passado se você não o conhece? Por muito tempo houve a tentativa de apagar da história a presença de africanos aqui no Brasil, pois a existência da escravidão era visto como motivo de vergonha. O reconhecimento da capoeira⁵⁶ como um elemento tão importante da cultura brasileira, no ano de 2007, é mais um passo dado, ainda que muito pequeno, para o reconhecimento da influência africana na constituição da identidade brasileira.

“(…) a preservação do patrimônio cultural é uma prática social”⁵⁷, ou seja, preservar o patrimônio implica em saber preservar de forma justa elementos pertencentes a diferentes grupos, pois aqueles que não forem contemplados, serão vistos com preconceito diante da sociedade.

O objetivo dos Registros da Roda de Capoeira e do Ofício de Mestres de Capoeira foi o de valorizar a história de resistência negra no Brasil, durante e após a escravidão. O reconhecimento da “Capoeira” como patrimônio demarca a conscientização sobre o valor da herança cultural africana. Herança esta que, no passado, foi reprimida e discriminada, inclusive com práticas – como a própria roda de Capoeira – oficialmente criminalizadas durante um período da história do Brasil”⁵⁸

Até hoje reconhecer a influência de culturas africanas é uma problemática na sociedade brasileira. A tentativa de apagar a escravidão da história nacional fez com que, mesmo depois da Lei Áurea ser assinada, muitos elementos culturais de

⁵⁵ ALENCAR, Rívia Ryker Bandeira de (coord. e org.). *Salvaguarda da Roda de Capoeira e do Ofício dos Mestres de Capoeira: apoio e fomento*. Brasília: IPHAN, 2017, p.29-30

⁵⁶ Apesar de os bens registrados serem “O Ofício dos Mestres de Capoeira” e “A Roda de Capoeira”, tornou-se comum usar a denominação Capoeira para se referir aos dois bens de acordo com a Cartilha de Salvaguarda de Capoeira divulgada pelo IPHAN no ano de 2017

⁵⁷ LONDRES, Cecília. Para além da “pedra e cal”: por uma concepção ampla de patrimônio. *Revista Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, v. 147, 2001, p.192

⁵⁸ ALENCAR, Rívia Ryker Bandeira de (coord. e org.). *Salvaguarda da Roda de Capoeira e do Ofício dos Mestres de Capoeira: apoio e fomento*. Brasília: IPHAN, 2017, p.7

matriz africana continuassem sendo criminalizados nas décadas que se seguiram. Dessa forma diversos membros da sociedade brasileira, principalmente àqueles provenientes de classes sociais mais altas ainda enxergam tais elementos de forma muito preconceituosa, muitas vezes vendo como balbúrdia.

“A capoeira é uma manifestação cultural presente em todo território brasileiro e em mais de 150 países, com variações regionais e locais criadas a partir de suas ‘modalidades’ mais conhecidas: as chamadas capoeira angola e capoeira regional”⁵⁹. A partir da passagem anterior é possível perceber que a capoeira está presente fora das fronteiras brasileiras, tendo inclusive, em 2014, conquistado o título de Patrimônio da Humanidade, título concedido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco).

O processo de globalização da capoeira começou entre os anos 50 e 60 com o Mestre Arthur Emídio que se apresentou em diversos países da América e Europa. Em seguida Mestre Pastinha e alguns de seus pupilos foram até a África e participaram de um festival de Artes Negras. Nos anos 90 o Mestre João Grande abriu a primeira escola de capoeira angola nos Estados Unidos. O Mestre Nestor Capoeira, por sua vez, foi o primeiro a começar a ensinar no continente europeu.” Embora os Estados Unidos e a Europa fossem os principais pontos de crescimento internacional da capoeira, paralelamente, a arte também se desenvolveu no Japão, Israel, África do Sul e Canadá. Recentemente, foi difundida pelo Leste Europeu (Polônia, Estônia, Sérvia e Finlândia), América Latina (México e Venezuela) e África (Angola e Moçambique).”⁶⁰

Existe uma visibilidade internacional em cima da capoeira, tendo valor de patrimônio mundial, isso tem muita importância pois após anos de marginalização esse elemento da cultura africana é valorizado mundialmente. Apesar de existirem muitos conflitos sobre a origem da capoeira não há dúvidas de que foi uma importante forma de resistência dos escravos, isso faz com que a valorização desse bem seja essencial para a construção de uma sociedade brasileira mais consciente de sua própria história. De acordo com a cartilha de salvaguarda divulgada pelo IPHAN “A Salvaguarda da Capoeira pretende valorizar a história de resistência negra no Brasil, durante e após a escravidão, assim como promover

⁵⁹ ALENCAR, Rívia Ryker Bandeira de (coord. e org.). Salvaguarda da Roda de Capoeira e do Ofício dos Mestres de Capoeira: apoio e fomento. Brasília: IPHAN, 2017, p.7

⁶⁰ INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Dossiê Inventário para registro e salvaguarda da capoeira como patrimônio cultural do Brasil. Brasília, 2007, p.51

a herança cultural africana como importante elemento constituinte da identidade e da memória do Brasil.”⁶¹

Ainda existem muitas carências com relação a documentação referente a capoeira, pois de acordo com o texto História da Capoeira de Adriana Fontoura e Adriana de Azevedo Guimarães, havia pouca documentação referente ao período da escravidão e a maior parte dessa documentação foi queimada. "(...) fatos ocorridos na história da capoeira podem ter caído no esquecimento ou, eventualmente, terem sido distorcidos, pois grande parte do que hoje se sabe sobre a capoeira praticada pelos escravos foi transmitida, através das gerações, de forma oral"⁶².

Por ter como principal fonte de transmissão da tradição a forma oral, há uma facilidade maior de informações se perderem pois esse canal está intrinsecamente ligado à memória dos indivíduos que fazem essa transmissão. De acordo com Pollak “A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa”⁶³, ou seja, por mais que haja uma preocupação na manutenção de saberes, nada impede que os mesmo sofram alterações com o passar das gerações.

O fato de os saberes da capoeira serem transmitidos essencialmente de forma oral também implica que os mestres de capoeira têm um papel fundamental na perpetuação do patrimônio. “(...)para refletirmos sobre os modelos de aprendizagem, baseados na transmissão oral da memória coletiva de um grupo social, função exercida pelos mais velhos que são os responsáveis por disponibilizar os saberes e as tradições daquele grupo social, função social de guardiões das tradições, a comunidade atribui a eles o título de mestre”⁶⁴. Analisando a passagem do texto de P. Abib, podemos perceber que esses mestres precisam possuir um conhecimento vasto, não apenas sobre a técnica do jogas mas também das tradições e dos mitos fundadores.

⁶¹ ALENCAR, Rívia Ryker Bandeira de (coord. e org.). Salva-guarda da Roda de Capoeira e do Ofício dos Mestres de Capoeira: apoio e fomento. Brasília: IPHAN, 2017, p.34

⁶² FONTOURA, Adriana Raquel Ritter; DE AZEVEDO GUIMARÃES, Adriana Coutinho. História da capoeira. Journal of Physical Education, v. 13, n. 2, p. 141, 2002.

⁶³ POLLAK, Michael. “Memória e identidade social”. In. Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992, p. 204

⁶⁴ ABIB, P. Os velhos mestres de capoeira ensinam pegando pelas mãos. In: Actas do VI Congresso Português de Sociologia-Mundos Sociais: Saberes e Práticas. 2008,p.3

Após muitos anos sendo marginalizada a capoeira só passou a ter alguma valorização pois houve um trabalho muito grande de vários mestres que persistiram em continuar transmitindo seus saberes. Muitos fizeram trabalhos que são lembrados por todos no universo da capoeira, temos como exemplos o Mestre Bimba e Mestre Pastinha que são os mais famosos no universo da capoeira, considerados fundadores da capoeira regional e da capoeira angola respectivamente. Além deles um outro mestre muito importante é o Mestre João Grande, que conquistou notoriedade internacional e prêmios nos Estados Unidos.

“Desde o período colonial brasileiro, a capoeira foi considerada uma prática marginal, e os seus participantes apresentados como delinqüentes que a sociedade devia vigiar, controlar e punir. Como não havia academia organizada, a reunião dos capoeiras se dava em torno dos acontecimentos festivos ou nos ambientes de trabalho, durante as horas de descanso, assim como nas ruas, botequins e quitandas”⁶⁵

O cenário descrito acima mudou em 1932 quando o Mestre Bimba conseguiu abrir a primeira academia de capoeira em Salvador, porém só conseguiu o registro oficial em 1937 que inicialmente foi registrada como uma escola de educação física, o Centro de Cultura Física e Capoeira Regional. Mestre Bimba iniciou seus aprendizados de capoeira aos 12 anos de idade, aprendendo a capoeira de forma “tradicional”, nas ruas, mas foi com essa tradição que ele tentou romper. Bimba não gostava da forma que a capoeira era vista naquela época, associada à vida vadia e a malandragem, ele acreditava que era necessário romper com a imagem do capoeira vadio e desordeiro e focar no aspecto esportivo que a capoeira poderia ter.

Dessa forma, nasce a capoeira regional, valorizando os aspectos esportivos da capoeira, inclusive combinando com golpes de outras artes marciais. Isso fez com que a capoeira se expandisse para as mais diversas camadas sociais e desperta o interesse principalmente de jovens universitários, ou seja, filhos de famílias de classe alta.

“Através da capoeira regional, Mestre Bimba implementa uma padronização e institucionalização da prática da capoeira, com a criação de estatutos, manuais de técnicas de aprendizagem, descrição objetiva dos golpes,

⁶⁵ INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Dossiê Inventário para registro e salvaguarda da capoeira como patrimônio cultural do Brasil. Brasília, 2007, p.52

toques e cantos, utilização de uniformes e indumentárias especiais, entre outras coisas.”⁶⁶.

Com sua escola Mestre Bimba conseguiu mudar a visão que a sociedade tinha sobre a capoeira, além de abrir portas para outros mestres.

Um dos mestres que aproveitou as portas abertas por Mestre Bimba foi Mestre Pastinha, também conhecido como defensor da capoeira legítima e pura. “Aproveitando o caminho aberto por Mestre Bimba, Mestre Pastinha funda, em 1941, o CECA. Nascido em 1889, na cidade de Salvador, Pastinha, segundo seus relatos, iniciou seu processo de aprendizado da capoeira por volta dos seus 10 anos. Seu mestre foi Benedito, um negro natural de Angola”⁶⁷. Pastinha também não gostava da forma como a capoeira era marginalizada pela sociedade, porém ao contrário de Bimba ele defendia que deveriam preservar a tradição, porém, valorizando o aspecto artístico do jogo.

“ Destaca a importância dos toques e cantos na condução dos ritmos do jogo. Enfatiza a necessidade de desmistificar a capoeira como a arte dos valentões, mostrando que aquela não deveria ser exercida pela valentia, mas pela busca da integridade física e espiritual. Se necessário, a capoeira seria uma excelente arte de defesa e ataque, mas seus fins principais não podiam ser estes.”⁶⁸

A partir dessa filosofia Mestre Pastinha foi muito privilegiado por intelectuais estudiosos da capoeira pois ainda existia a ideia de que a capoeira angola seria a capoeira autêntica e sem a contaminação de outras artes marciais como a escola de Mestre Bimba. Pastinha também chegou a ter algum prestígio internacional, indo inclusive se apresentar num festival de artes negras no continente africano.

Um mestre importante que têm ações mais recentes é o Mestre João Grande, pupilo de Mestre Pastinha que criou a primeira escola de capoeira nos Estados Unidos, mais especificamente em Nova York, chamada *Capoeira Angola Center*, na década de 90. Além disso foi o primeiro brasileiro a ganhar o prêmio *National*

⁶⁶ INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Dossiê Inventário para registro e salvaguarda da capoeira como patrimônio cultural do Brasil. Brasília, 2007, p.58

⁶⁷ INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Dossiê Inventário para registro e salvaguarda da capoeira como patrimônio cultural do Brasil. Brasília, 2007, p.61

⁶⁸ INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Dossiê Inventário para registro e salvaguarda da capoeira como patrimônio cultural do Brasil. Brasília, 2007, p.63

Heritage Fellowships, um prêmio americano concedido para as mais importantes personalidades que lidam com folclore no país.

Apesar de os mestres de capoeira desempenharem um papel muito importante para que essa prática se perpetue, houve um tempo que essa função não era valorizada pela sociedade no geral.

“Ao percorrer os olhos rapidamente pelos jornais a partir dos anos de 1970, percebe-se que alguns analistas e estudiosos da cultura popular da ‘época traçam um quadro sombrio para os destinos da capoeira, em muito influenciados pelos danos socioeconômicos e culturais provocados pelo turismo/folclorização e esportização. Coincide, este período, com a decadência das academias tradicionais de capoeira da Bahia - as de Bimba e Pastinha -, com a situação de pobreza em que se encontravam os principais mestres - razão da saída de mestre Bimba para Goiânia, em Goiás - e com a morte de muitos deles num quadro de indigência, num momento em que a capoeira já começava a mostrar possibilidade de ser explorada economicamente.”⁶⁹

Isso mostra que o processo de valorização dos mestres de capoeira foi um processo longo, no qual muitos mestres que foram essenciais para o crescimento e enaltecimento da capoeira não encontraram uma maneira de sobreviver de seu ofício. A primeira iniciativa governamental em prol da capoeira só ocorreu no início da década de 80 e o registro da capoeira como bem, de natureza imaterial só foi feito no ano de 2007.

Analisando aquilo que foi exposto nesse capítulo podemos concluir que a capoeira é um elemento importante da cultura brasileira pois é um dos símbolos da resistência africana no continente americano. Afirmar que esse jogo é parte da identidade nacional simboliza, ainda que pequeno, reconhecimento da influência da cultura africana na formação da sociedade brasileira contemporânea. Hoje a população nacional é formada majoritariamente por negros, descendentes daqueles trazidos para a América na época da colônia e império e reconhecer essa parte da história é também reconhecer que essas pessoas têm um papel importante na constituição da memória coletiva nacional.

Valorizar esse elemento cultural porém depende estritamente da valorização dos detentores dos saberes da capoeira, ou seja, seus mestres, pois como há muito pouca documentação escrita sobre essa arte, é necessário que esses sábios se sintam estimulados a continuar a prática, para isso acontecer é preciso fazer com

⁶⁹ INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Dossiê Inventário para registro e salvaguarda da capoeira como patrimônio cultural do Brasil. Brasília, 2007, p.86

que seja possível viver de seu ofício, caso contrário será necessário buscar outra forma de sustento ou maneiras alternativas de continuar praticando a capoeira. “Apesar de a arte ter se difundido no Brasil e no exterior, isto ocorreu através do saber dos mestres que, sem amparo ou recurso, lançaram-se na aventura da errância em busca de condições melhores de vida, dentro e fora do país.”⁷⁰

A difusão da capoeira portanto ocorreu pois os mestres precisaram se lançar em uma difícil jornada fora do país para buscar uma maneira de continuarem sobrevivendo da prática, por um lado a capoeira não corre o risco de desaparecer, porém esse movimento gera uma tentativa de apropriação cultural por parte de países estrangeiros onde a capoeira passou a ser praticada. Diante desse cenário o governo brasileiro precisa tomar uma postura, caso contrário é possível que surja uma narrativa na qual o Brasil não seja mais o “berço” da capoeira, mas sim um dos muitos pontos por qual ela passou.

Um exemplo de como os mestres de capoeira são a base para a perpetuação da prática é na construção do dossiê feito pelo o IPHAN para o registro da capoeira, apesar de já ter algum material escrito para a consulta naquela época foram entrevistados 17 mestres de capoeira das cidades: Rio de Janeiro, Salvador e Recife. Foram também os mestres de capoeira que transformaram a capoeira no que ela é hoje, afinal com o passar do tempo a prática precisa se modificar para que continue fazendo sentido para seus praticantes

“Foram também os mestres brasileiros os responsáveis por articular aspectos culturais a uma manifestação que poderia ficar restrita à face marcial, mas que, ao contrário, é reconhecida por sua riqueza musical e 88 gestual, o que a aproxima também de uma dança especial, reminiscência de jogos de combate de sociedades tradicionais.”⁷¹

Hoje já existem iniciativas que visam valorizar os saber dos mestres de capoeira, como por exemplo o próprio registro do Ofício dos Mestres de Capoeira como patrimônio cultural imaterial do Brasil e o reconhecimento do notório saber dos mesmos, pelo próprio IPHAN. Além disso uma das propostas existentes na cartilha de salvaguarda da capoeira publicada em 2017 é a remuneração dos mestres para que estes continuem promovendo eventos de divulgação do bem,

⁷⁰ INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Dossiê Inventário para registro e salvaguarda da capoeira como patrimônio cultural do Brasil. Brasília, 2007, p.87

⁷¹ INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Dossiê Inventário para registro e salvaguarda da capoeira como patrimônio cultural do Brasil. Brasília, 2007, p.87

como por exemplo Rodas e Batizados. Em 2009 também houve a iniciativa de criar o prêmio *Viva Meu Mestre* que no mesmo ano contemplou 100 mestres com idade igual ou superior a 55 anos.

Apesar de hoje os mestres de capoeira já serem reconhecidos como peças essenciais para que a capoeira seja de fato salvaguardada, ainda existem algumas questões que dificultam essa valorização para com a sociedade como um todo. Acredito que um dos principais problemas no senso comum seja a crença de que para ter seu saber legitimado é necessário um diploma ou algum tipo de certificado para atestar que possuem tal conhecimento. Essa legitimação no entanto ocorre de outra maneira que será analisado posteriormente no trabalho.

Apesar das adversidades encontradas no processo de valorização da capoeira, desde o processo de retirá-la da criminalidade, oficializar escolas e até a necessidade de sair do país para continuar vivendo da prática, os mestres de capoeira conseguiram construir uma imagem positiva em cima dessa arte que hoje é difundida pelo mundo e considerada patrimônio da humanidade. Não restam dúvidas de que esses sábios são imprescindíveis para que se dê continuidade no processo de preservação e transmissão da prática da capoeira.

Os Saberes dos Mestres de Capoeira

O capítulo anterior mostrou que os mestres de capoeira têm um papel essencial no universo da capoeira, não só porque são aqueles que sabem as gingas e golpes, mas também são eles que detêm o conhecimento sobre os mitos fundadores e foi graças ao esforço de alguns deles que a capoeira, hoje em dia, é descriminalizada e praticada em diversas camadas sociais.

Os mestres de capoeira têm um conhecimento que adquirido nas escolas de capoeira, porém, nas escolas não se aprende somente golpes e gingas, muitos capoeiristas relatam que em sua trajetória dentro dos centros de capoeiragem aprenderam muito.

“A academia de Mestre Bimba era uma verdadeira escola; escola essa que ensinava Capoeira Regional como principal motivação, no entanto extrapola suas ações, ensinando a viver a ser um cidadão, um homem de princípios morais. O ensino da Capoeira Regional não se limitava unicamente à sala de aula, ao espaço físico do CCFR, ele ultrapassou os muros da academia, proporcionando novas experiências e conhecimentos”⁷²

Como vimos anteriormente, a capoeira passou por um longo processo para ser valorizada e continua conquistando espaços privilegiados. Um desses espaços é a escola, vinculada principalmente às aulas de educação física. Essa conquista de espaço, porém, traz uma nova questão para o universo da capoeiragem. Quem deve ensinar essa arte? O professor de educação física ou o mestre de capoeira? “Os professores respondem dizendo-se credenciados para o cargo pela sua formação em educação física. Os mestres retrucam afirmando que são eles que detêm o conhecimento da capoeira que lhes foi passado pelos velhos mestres, de geração em geração”.⁷³

Diante desse impasse, surgiu-me uma reflexão. Dentro do espaço escolar quem deveria atuar seria um professor formado academicamente para o ofício, por outro lado, há uma hierarquia na capoeira que coloca o mestre como aquele que detém de maneira aprofundada os saberes da capoeira, além de uma metodologia de ensino diferenciada, a qual será melhor explorada posteriormente neste trabalho. Desse modo, podemos perceber que há uma certa contradição, pois a capoeira acabou conquistando um certo espaço na escola, que é um ambiente

⁷² CAMPOS, Hellio. Capoeira regional: a escola de Mestre Bimba. SciELO-EDUFBA, 2009, p.162.

⁷³ CAMPOS, Hellio. Capoeira regional: a escola de Mestre Bimba. SciELO-EDUFBA, 2009, p.72

formal de aprendizagem, porém muitos dos velhos mestres de capoeira não conseguiram penetrar esse espaço, pois muitos deles não possuem escolarização formal.

Além disso, Hélio Campos traz uma outra questão em seu livro sobre Capoeira Regional

“Não cabe aqui tomar nenhum partido, apenas esclarecer o nosso posicionamento sobre o assunto. Entendo que existe espaço para os dois profissionais trabalharem com a escolarização da capoeira, bastando discernir e estabelecer competências e atentar para trâmites legais burocráticos. Por outro lado, tendo a concordar com Maria Angélica Rocha quando observa a dificuldade de um maior intercâmbio entre os profissionais que se dedicam a esse labor com a finalidade de trocar experiências, discutir a temática em profundidade e criar um aporte científico”⁷⁴

Essa questão faz pensar que esse impasse entre os professores de educação física pode até trazer prejuízos para o universo da capoeira enquanto prática inserida no espaço escolar, pois, dessa forma, não há a troca de conhecimentos que precisa haver para que a aprendizagem das crianças seja a melhor possível.

No ano de 1998, porém, foi feita uma lei que reservava exclusivamente aos professores de educação física as seguintes funções:

“coordenar, planejar, programar, supervisionar, dinamizar, dirigir, organizar, avaliar e executar trabalhos, programas, planos e projetos, bem como prestar serviços de auditoria, consultoria e assessoria, realizar treinamentos especializados, participar de equipes multidisciplinares e interdisciplinares e elaborar informes técnicos, científicos e pedagógicos, todos nas áreas de atividades físicas e do desporto”⁷⁵

Essa lei teoricamente impediria que os mestres de capoeira continuassem ministrando aulas de capoeira, pois a maior parte deles não têm a formação acadêmica que agora era exigido por lei. Isso gerou uma luta dos mestres de capoeira para que seus saberes fossem reconhecidos e valorizados. Somente no ano de 2008 é que o Saber dos Mestres de Capoeira foi registrado como Patrimônio Cultural Nacional e assim foi reconhecido o notório saber dos mestres de capoeira.

Essa questão mostra como a formação acadêmica ainda é muito importante na visão da sociedade contemporânea. Apesar dos professores de educação física terem sim um papel importantíssimo para ensinar capoeira nas escolas, a figura do

⁷⁴ CAMPOS, Heliio. Capoeira regional: a escola de Mestre Bimba. SciELO-EDUFBA, 2009, p.76

⁷⁵ Brasil, Decreto nº 9.696 de 1º de setembro de 1998

mestre continua sendo fundamental, pois eles não têm apenas o domínio dos golpes, eles têm o domínio dos mitos fundadores, dos cantos, da forma de tocar instrumentos, etc. Esses saberes que são exigidos de cada mestre variam de acordo com a escola e o estilo que seguem.

O cenário descrito acima, portanto, desperta uma curiosidade, o que é necessário para ser mestre de capoeira? Como se tornar um mestre de capoeira? Quem legitima esses saberes? “Representação de si mesmo enquanto mestre, ao comparar o mestre a uma árvore que dá frutas; Mestre João Grande condiciona a formação dos mestres ao mestre”⁷⁶.

Vimos anteriormente no capítulo sobre história da capoeira que Mestre Bimba trouxe alguns elementos semelhantes ao mundo acadêmico para o universo da capoeira, um deles é a formatura. Aquele que deseja se tornar mestre de capoeira deve passar por um longo processo, que tem diversas etapas até que chegue o dia de sua formatura como mestre, antes disso, porém, esse capoeirista deve ter o título de aluno, professor e só então mestre de capoeira.

“A narrativa dos mestres revela que eles aprenderam com a vivência, com a experiência. Foram alunos ou aprendizes de um outro mestre”⁷⁷. A passagem do texto de Paiva (2007) mostra que é necessário ter um certo tempo na capoeiragem para se tornar mestre de capoeira, pois o mesmo afirma que é necessária vivência antes de se tornar mestre.

Vale lembrar que, apesar de existir uma celebração de formatura, o saber desses mestres não tem nenhum tipo de legitimação acadêmica, pois o mesmo não foi adquirido em instituições formais de ensino. Não possuir saber escolar não é um fator determinante para a formação do mestre de capoeira, inclusive alguns nem concluíram o ensino básico. “Até a década de setenta foram poucos os mestres de Capoeira que passaram pelos bancos escolares”⁷⁸. Esse cenário já é diferente hoje em dia, pois como vimos anteriormente, a escola de Mestre Bimba atraiu muitos universitários, levando assim a prática da capoeira para as classes mais altas e mais escolarizadas. Hoje em dia existem mestres de capoeira das mais diversas classes sociais e idades.

⁷⁶ PAIVA, Ilnete Porpino de. A capoeira e os mestres. 2007,p.120

⁷⁷ PAIVA, Ilnete Porpino de. A capoeira e os mestres. 2007,p.126

⁷⁸ PAIVA, Ilnete Porpino de. A capoeira e os mestres. 2007,p.128

Apesar de não haver uma legitimação acadêmica e de essa categoria já possuir uma certa heterogeneidade quanto aos seus componentes, há dentro desse universo mestres e praticantes de capoeira que afirmam que existem muitos falsos mestres.

“Mas quem são os capoeiristas acusados de falsos mestres? A maioria se referia aos capoeiristas que saem do Brasil para o exterior e antes de descer do avião se auto intitulam de mestres. Há também os mestres que fazem referência aos mestres que compram o título de mestre e também aos capoeiristas antigos que estavam afastados da Capoeira e depois do crescimento- expansão, valorização- (da Capoeira) apareceram como mestre.”

Essas acusações, dos capoeiristas, existem, pois os mesmos acreditam que a existência desses mestres que na visão deles não são capacitados para a função traz prejuízos para a arte da capoeiragem. Tais prejuízos ocorreriam pelo fato de que o mestre de capoeira é alguém que passa por anos de formação para ocupar tal cargo e domina os mais diversos saberes sobre a arte da capoeira, sendo assim, alguém que se intitula mestre e que não tem o mesmo domínio de tais conhecimentos poderia trazer para seus aprendizes uma visão errada sobre o que realmente significa jogar capoeira.

A existência desses mestres considerados falsos, porém, é possibilitada pelo fato de que a capoeira tem um jeito muito próprio de se organizar. “(...) sem amarras, sem uma entidade única que determine os critérios, as normas de formação de mestres (...)”⁷⁹, dessa forma acusar um praticante de ser um falso mestre é complicado, pois, uma vez que não há uma entidade que determine critério fixos há a possibilidade de existirem mestres que são reconhecidos pelos seus alunos e sua comunidade, mas que não são reconhecidos por diversos outros mestres por não cumprirem algum critério que na opinião de alguns é essencial, mas que para outros não é tão importante.

Há, porém, uma preocupação dos capoeiras em garantir a qualidade do trabalho daqueles que levam a capoeira como profissão, o próprio Mestre Pastinha, que é um nome importante no universo da capoeira destaca no manual de capoeira angola que escreveu que:

⁷⁹ PAIVA, Ilnete Porpino de. A capoeira e os mestres. 2007,p.150

“Não tive a pretensão de, em suas páginas, descrever a Capoeira Angola em suas minúcias nem fazer capoeiristas com a simples leitura dêste meu modesto trabalho, pois, Capoeira só se aprende praticando sob a orientação de um professor competente”⁸⁰

Vimos então que a partir dessa fala, Pastinha afirma que é necessário um profissional qualificado para ensinar Capoeira, até porque o mestre também afirma em seu manual que a capoeira é acima de tudo uma luta violenta e que seus golpes não podem ser realmente aplicados durante as aulas. Sendo assim pôde-se concluir que um professor ou mestre competentes são de extrema importância para o ensino da capoeira, pois ter alguém que não está apto a exercer a função no cargo pode inclusive ser perigoso para a integridade física dos praticantes mais iniciantes.

Além disso, alguns alegam que a existência de falsos mestres no exterior pode comprometer a imagem que a capoeira tem no exterior. “Os mestres avaliam positivamente o fato de a Capoeira estar presente em mais de cem países. Mas para eles, quem tinha que estar lá era quem tem capacidade, quem tem bagagem, quem tem fundamento, ou seja, os mestres antigos”⁸¹.

Há também uma outra questão que incomoda alguns mestres de capoeira mais velhos, a existência de mestres que eles consideram muito jovens para merecer tal título. A Fundação Internacional de Capoeira Angola (FICA), não recomenda uma idade mínima para se tornar mestre de capoeira, mas alguns mestres insistem em adotar uma idade mínima, ou tempo mínimo de prática para que o mesmo reconheça outro capoeirista como mestre. “(...) estipular o mínimo de 40 anos de Capoeira é uma estratégia adotada para evitar os novos mestres, ou seja, com pouca idade”⁸² por não cumprirem algum critério que na opinião de alguns é essencial mas para outros não é tão importante. . Muitos mestres nesse contexto acabam desacreditados pois são considerados muito jovens para deterem tal título.

A partir das questões descritas acima podemos observar que existem diversas questões delicadas no universo da capoeira quando o assunto é se tornar mestre. Como dito anteriormente, não existe nenhuma instituição acadêmica que

⁸⁰ PASTINHA, Mestre. Capoeira angola. Governo Democrático da Bahia, Secretaria da Cultura, Fundação Cultural do Estado da Bahia, Ministério da Cultura, 1988, p. 16

⁸¹ PAIVA, Ilnete Porpino de. A capoeira e os mestres. 2007,p.150

⁸² PAIVA, Ilnete Porpino de. A capoeira e os mestres. 2007,p.140

confira a esses sábios a legitimação de seu título. “Um dos discursos recorrentes nas falas dos mestres é de que este é dado pela comunidade que o reconhece e o legitima como tal”⁸³. Essa comunidade não é todo o universo da capoeira, até porque este se encontra fragmentado em comunidades, que apesar de poderem estar integradas entre si, funcionam de maneira independente.

Tanto no livro de Hélio Campos *Capoeira Regional: a escola de Mestre Bimba*, quanto na tese de Ilnete de Paiva, *A capoeira e o mestres*, percebe-se que os mestres que foram entrevistados frequentemente falam da importância que seus próprios mestres tiveram em sua caminhada dentro da capoeira. Diante disso surge a possibilidade de que para um mestre de capoeira ser reconhecido como tal ele primeiramente precisa ser reconhecido dessa forma pelo seu próprio mestre, pois este seria o detentor dos saberes que poderia legitimar os saberes do outro. Paiva inclusive chama a atenção para isso em sua escrita quando afirma que não basta apenas os alunos do grupo reconhecerem seu professor como mestre, é importante que este mesmo professor receba o reconhecimento de seus mestres para assim então poder usar esse título.

“Para a comunidade consagrar e legitimar o candidato a mestre é imprescindível a autorização de seu mestre. É o mestre quem decide o momento do aluno que está no aguardo, esperando a titulação, seja consagrado mestre. Posto isso, vale a pena observar que na Capoeira há situações em que o aluno não consegue esperar o dia de seu mestre lhe dar o sinal, aprovando sua titulação. O que tem ocorrido é o desligamento desse aluno do grupo e sua migração para um grupo que poderá facilmente lhe dar a titulação de mestre.”⁸⁴

A partir da citação acima é possível perceber que o mestre de capoeira é uma figura indispensável para a formação de outro mestre. Esse cenário nos mostra um processo de legitimação subjetivo, que depende do julgamento de seu próprio mestre, sendo assim penso que talvez possam haver disputas dentro do universo da capoeira pela posição mais hierárquica do grupo. No trabalho *A Capoeira e os Mestres* de Paiva, há uma passagem que talvez indique o cenário descrito acima.

“No seu grupo, Mestre Pirajá disse que tem outros mestres: O Mestre Barrão que usa corda vermelha e branca e outros mestres de primeiro grau que usam corda vermelha.

⁸³ PAIVA, Ilnete Porpino de. *A capoeira e os mestres*. 2007, p.134

⁸⁴ PAIVA, Ilnete Porpino de. *A capoeira e os mestres*. 2007, p.134

Enfatizou que eles só passam a usar corda branca depois que ele morrer, configurando uma forma de conservar o seu lugar no ponto mais alto da hierarquia do grupo.”⁸⁵

A passagem acima mostra que há outros mestres no mesmo grupo, porém o mestre que usa a faixa branca afirma que os outros mestres só receberão a mesma honra quando ele morrer. Isso mostra que talvez, mesmo reconhecendo a competência dos outros mestres de capoeira a manutenção dos velhos mestres nos cargos mais hierárquicos dentro dos grupos ainda seja um critério muito importante na hora de subir alguém de nível.

Mesmo que a legitimação do mestre de capoeira seja um processo dotado de subjetividade existem alguns requisitos que um capoeirista precisa ter para se tornar mestre de capoeira, como por exemplo, autoridade, saber e respeito. Além disso um bom mestre deve saber quando ensinar o que, não apenas entregar todo seu conhecimento para o aluno de uma vez só. Como visto anteriormente também é necessário que o mestre seja reconhecido tanto por seus alunos, quanto por seu mestre e também por alguns outros mestres, pois assim seu título é respeitado por outros capoeiristas além de somente seu grupo.

Através do que foi descrito anteriormente é possível notar que o reconhecimento do mestre é a peça chave para se tornar um mestre de capoeira, porém não é somente isso que é necessário, há alguns critérios que devem ser cumpridos durante um processo longo. Como a capoeira não tem uma entidade única, esses critérios variam de acordo com o grupo, porém é possível observar que vários desses critérios se repetem em grupos distintos, outros por outro lado são particularidades dos mestres que regem grupos específicos.

“Segundo os mestres que foram entrevistados, para tornar-se mestre, o capoeirista aspirante ao mais elevado posto na hierarquia da Capoeira, deverá ter passado por um longo processo de aprendizado, que consiste em conhecer e aprender as técnicas de movimentação da capoeira e os fundamentos que são tão bem ressaltados pelos capoeiristas, especialmente, por aqueles que desenvolvem um trabalho com a Capoeira. Esses fundamentos, além dos movimentos, consistem em conhecer a história da Capoeira, a música da Capoeira, cantar e tocar instrumentos.”⁸⁶

Esse processo pode variar em tempo e na quantidade de fundamentos que o mestre julga necessários para se tornar mestre. Os mestres de Capoeira Angola por exemplo. Os mestres precisam tocar uma variedade maior de instrumentos do

⁸⁵ PAIVA, Ilnete Porpino de. A capoeira e os mestres. 2007,p.141

⁸⁶ PAIVA, Ilnete Porpino de. A capoeira e os mestres. 2007,p.138

que os mestres de capoeira regional por exemplo. Alguns mestres exigem de seus alunos um tempo mínimo de dedicação a capoeira para formá-los mestres, enquanto outros formam mestre de acordo com o aprendizado de cada um. Em seu trabalho Paiva coloca uma afirmação feita pelo Mestre João Pequeno, um mestre de capoeira muito conhecido e respeitado no universo da capoeira por ser aprendiz direto de Mestre Pastinha.

“Além dos fundamentos- movimentação, história e qualificações musicais- para tornar-se mestre, os mestres enfatizam a importância de ser um trabalho, ou seja, desenvolver alguma atividade com Capoeira. Numa oportunidade que tive de conversar com o mais antigo mestre de Capoeira a respeito dos mestres que já tinha formado, este evidenciou que ter um trabalho com Capoeira é um dos critérios exigidos”

“Se antes o título de mestre é dado pelo reconhecimento do serviço prestado- ensinar o conhecimento que domina a outras pessoas- agora para chegar a mestre de Capoeira, na maioria das vezes, o capoeirista precisa passar por estágios ou níveis de graduação”⁸⁷

Trabalhar com a capoeira implica que o aspirante a mestre dedica boa parte do seu tempo a arte da capoeira e, portanto, tem um bom tempo de prática e aprendizado, o que é essencial para se tornar mestre de capoeira. Além disso, ser um professor de capoeira já reconhecido por seus alunos também é essencial para a formação de um mestre, pois o mesmo precisa ter responsabilidade na hora de transmitir seus saberes. “Velhos e novos mestres que participaram da pesquisa são favoráveis à atribuição ao título de mestre ao capoeirista que tenha um trabalho e que este seja reconhecido não apenas pelo seu mestre, mas por uma representação de mestres”⁸⁸. Vemos então que para se tornar um mestre, dedicar sua vida a prática da capoeira é uma exigência de vários mestres e que isso faz que o novo mestre seja reconhecido não apenas por seu mestre, mas também por outros mestres.

O reconhecimento do novo mestre, porém, não é feito de modo privado entre o velho mestre e o novo mestre. Como visto anteriormente, Mestre Bimba abriu as portas de sua academia para diversos estudantes universitários e com isso se apropriou de vários termos e tradições do mundo acadêmico. Um deles é a formatura e é nessa celebração que o mestre é reconhecido como tal. Existem três

⁸⁷ PAIVA, Ilnete Porpino de. A capoeira e os mestres. 2007,p.133

⁸⁸ PAIVA, Ilnete Porpino de. A capoeira e os mestres. 2007,p.139

estágios da formatura, o de aluno o de professor⁸⁹ e o de mestre. “Esses mestres se referem ao professor, aquele que numa necessidade, vai assumir o lugar do mestre e que um dia virá a ser um mestre.”⁹⁰. Vimos aqui então que o professor de capoeira é sim uma figura importante, porém a graduação de um capoeirista como professor não isenta ele do auxílio do mestre.

Na capoeira alguns grupos utilizam as cordas para simbolizar a passagem para outro nível da capoeira, mais ou menos como vemos em algumas lutas orientais como o judô. A Capoeira Angola e a Capoeira Regional, porém, possuem um sistema de cores um pouco diferentes, mas que seguem o mesmo princípio de avanço. “Na linguagem da Capoeira, trocar de corda se refere ao alunos que vai mudar de nível.”⁹¹

“A imagem da construção do mestre pensada a partir do mestre ignora a história de pessoas que não foram formadas por mestres, mas que tiveram o reconhecimento e merecimento do título de mestre nas páginas da Literatura, da História.”⁹². A passagem faz referência a mestres que não foram formadas por mestres, mas como isso seria possível se vimos anteriormente que um mestre depende do reconhecimento de outro mestre para se tornar mestre? Esse fenômeno ocorreu, pois haviam capoeiristas que já praticavam o ofício de mestre mas que não eram chamados assim pois o título ainda não existia.

Acredita-se que o termo tenha surgido a partir da incorporação de termos do universo universitário, que como vimos anteriormente foi feita pó Mestre Bimba. Além disso o fato de mestre posteriores terem conseguido sobreviver da capoeira, como Pastinha e Bimba, também teve peso nessa nova nomeação, pois agora haviam sábios dedicados exclusivamente a ensinar capoeira para os demais.

Antes do título existir, porém, já haviam capoeiristas que mereciam tal honra como é o caso de Benedito e Bentinho, mestres de Pastinha e Bimba respectivamente. Com isso a história e a literatura acabaram reconhecendo esses sábios como merecedores do título pois além de conhecerem os fundamentos da

⁸⁹ Observo aqui que diversos grupos preferem o termo professor do que o termo contramestre e vêm adotando essa nova terminologia ao longo dos últimos anos, portanto seguindo o exemplo de diversos autores que já escreveram sobre o assunto, uso neste trabalho a nomenclatura professor no lugar de contramestre.

⁹⁰ PAIVA, Ilnete Porpino de. A capoeira e os mestres. 2007,p.144

⁹¹ PAIVA, Ilnete Porpino de. A capoeira e os mestres. 2007,p.145

⁹² PAIVA, Ilnete Porpino de. A capoeira e os mestres. 2007,p.121

capoeira, esses mestres que ensinaram capoeira já possuíam um jeito único de ensinar capoeira.

“O mestre, seja ele qual for, tem um conhecimento para transmitir; portanto é considerado um sábio naquilo que escolheu fazer e por isso é merecedor de respeito, de consideração por parte das pessoas que dele receberam conhecimento”⁹³

Muitos capoeiristas afirmam que o jeito de ensinar capoeira que os mestres têm é diferente do jeito que os professores ensinam. Uma das principais características citadas é a de ensinar a partir da vivência. Exploraremos esse método de ensino dos mestres de capoeira de maneira mais aprofundada no próximo capítulo.

⁹³ PAIVA, Ilnete Porpino de. A capoeira e os mestres. 2007,p.127

A arte de ensinar capoeira como uma forma de resistência

Vimos no capítulo anterior que há um processo que deve ser seguido e respeitado para se tornar mestre de capoeira, com anos dedicados à prática dessa arte e o reconhecimento de seu mestre de capoeira. Também foi esclarecido que leva algum tempo para se tornar mestre de capoeira, pois há diversos requisitos que um aspirante a mestre deve cumprir antes de possuírem tal título.

Um dos requisitos para se tornar mestre é transmitir conhecimento, porém, os mestres de capoeira não transmitem seu conhecimento da mesma forma que professores de uma escola formal. Esses sábios têm uma maneira diferenciada de transmitir seus conhecimentos, sabendo contar os segredos certos para os alunos certos nos momentos certos, não somente dizendo o que fazer mas mostrando exatamente com se faz.

“A capoeira angola nos traz exemplos belíssimos de como os saberes são transmitidos pacientemente pelo mestre, a exemplo do mestre João Pequeno de Pastinha, que na sua forma de ensinar, revela um profundo sentimento de amor com seus alunos- ou discípulos-, traduzidos pelo respeito ao “tempo de aprender” de cada um, pela forma como toca corporalmente seus alunos para ensinar os movimentos, herança de uma pedagogia africana, baseada na proximidade entre o mestre e o aprendiz, hálito de quem ensina, deve ser transmitido para aquele que aprende, como um meio por onde a tradição é repassada”⁹⁴

“Estamos buscando assim, inspiração nas formas tradicionais de ensinar-aprender utilizadas nesse universo, sobretudo, a partir das influências marcantes da cultura afro-brasileira (...) para refletirmos sobre os modelos de aprendizagem, baseados na transmissão oral da memória coletiva de um grupo social, função exercida pelos mais velhos que são os responsáveis por disponibilizar os saberes e as tradições daquele grupo social, função social de guardiões das tradições, a comunidade atribui a eles o título de mestre”⁹⁵

A passagem acima foi retirada do texto de Abib, escrito em 2008 e intitulado *Os velhos mestres de capoeira ensinam pegando pelas mãos*. O título já sugere que esses sábios transmitem seu conhecimento praticando capoeira. Como vimos anteriormente a capoeira continua sendo uma prática viva graças a tradição oral, porém seu ensinamento não são passados apenas de maneira oral, jogar capoeira é muito importante para que o aluno de fato aprenda. Inclusive Mestre Pastinha menciona em seu manual de Capoeira angola que mesmo com a leitura minuciosa de tal trabalho não é possível aprender capoeira, é preciso praticá-la.

⁹⁴ ABIB, P. Os velhos mestres de capoeira ensinam pegando pelas mãos. In: Actas do VI Congresso Português de Sociologia-Mundos Sociais: Saberes e Práticas. 2008, p.7.

⁹⁵ ABIB, P. Os velhos mestres de capoeira ensinam pegando pelas mãos. In: Actas do VI Congresso Português de Sociologia-Mundos Sociais: Saberes e Práticas. 2008, p.3.

“(...) o toque na ‘pedagogia do africano’, é fundamental. ‘Ele toca o aluno para passar o sentimento... ele não toca unicamente para consertar o movimento... ele passa muito mais a vontade de ver o aluno aprendendo, do que ensinar o movimento correto’. Essa forma tradicional de ensinar passa pela proximidade que deve existir entre o mestre e o aprendiz. Uma proximidade corporal em que o afeto, a atenção e a disponibilidade do mestre se mostram integralmente.”

Podemos observar aqui uma maneira de transmitir conhecimento que é muito tradicional no universo da capoeira, mas, que se afasta das formas de se ensinar formais. O mestre de capoeira se mantém em contato físico com o aluno o ensinando as formas corretas de se fazer os movimentos e aplicar os golpes.

Além de ensinar seu aprendiz a jogar capoeira o mestre de capoeira também transmite outros saberes que estão presentes no universo da capoeira. “A principal ideia é que, durante as aulas, os estudantes possam participar de maneira integrada, jogando, cantando e tocando. O professor deverá estimular constantemente essa prática, oportunizando aos alunos a vivenciarem todos os momentos da aula/capoeira”⁹⁶.

Ensinar demonstrando e colocando em prática é um método que muitos educadores defendem que deve ser aplicados para a educação formal. Esse método é descrito por alguns aprendizes de capoeira como estimulante, pois fazia com que os mesmos se sentiam acolhidos e conseqüentemente com vontade de continuar praticando.

“A sensação de acolhimento ao sentirmos o toque das mãos daquele ancião, então beirando os oitenta anos, que com todo carinho e delicadeza, conduzia nossos movimentos de braços e pernas pelo caminho sinuoso da capoeira angola, era uma sensação que talvez jamais esqueçamos”⁹⁷

Não devemos esquecer, porém, o porque de se aprender Capoeira. Capoeira é uma luta, uma dança, uma arte, um elemento folclórico e um esporte, tendo que ser contemplada em todos os seus aspectos no momento de seu ensino.

“É importante frisar que o ensino/aprendizagem da capoeira não deve estar voltado apenas para o aspecto técnico de aprender determinada forma de luta de esporte. O ensino dos golpes, contragolpes, esquivas, sequências e do jogo deverá ser acompanhado da transmissão de todos os elementos que envolvem a sua cultura, história, origem e evolução; (...)”⁹⁸

⁹⁶ CAMPOS, Helió. Capoeira regional: a escola de Mestre Bimba. SciELO-EDUFBA, 2009, p.80.

⁹⁷ ABIB, P. Os velhos mestres de capoeira ensinam pegando pelas mãos. In: Actas do VI Congresso Português de Sociologia-Mundos Sociais: Saberes e Práticas. 2008, p.5.

⁹⁸ CAMPOS, Helió. Capoeira regional: a escola de Mestre Bimba. SciELO-EDUFBA, 2009, p.80.

“Mestre Pastinha dizia, aos 92 anos de idade, pouco antes de morrer: ‘eu ainda tô aprendendo capoeira...’.”⁹⁹. Essa fala de Mestre Pastinha, um dos mestres mais respeitados no universo da capoeira nos faz pensar que não é apenas o mestre que ensina para seu aprendiz, mas também que ele deve estar sempre disposto a aprender e se aperfeiçoar. O mestre reconhece que ele não detém o conhecimento absoluto sobre capoeira e que é possível que ainda hajam coisas novas para aprender.

O jeito que os mestres de capoeira ensinam capoeira pode também ser visto como uma forma de desconstrução do modelo europeu que é hegemônico no Brasil e até na América Latina como um todo. Durante muitos séculos o modelo europeu tentou de diversas formas invisibilizar as outras formas de cultura que compunham a cultura brasileira. A forma como o ofício dos mestres de capoeira sobreviveu a essa tentativa de aculturação pode ser visto como uma forma de resistência.

“Defendemos, assim, processos de construção e desconstrução de saberes e conhecimentos como fluxo contínuo, sendo apostas que fazem parte de um constructo no qual a “decolonialidade” é a chave para a consolidação de outras visões sobre nossa autoformação e sobre propostas de experiências fluidas, cheias de significado. Optamos por uma definição de interculturalidade na interseção com os saberes múltiplos do legado afrodescendente nos territórios ancestrais que nos unem e consequentemente, como Diáspora Africana”¹⁰⁰

A forma como a capoeira deixou de ser vista como uma atividade criminosa e passou a ser vista como um elemento valorizado da cultura brasileira, de certa forma, representa uma forma de resistência ao padrão exigido pelo pensamento colonial.

“A capoeira angola, ao buscar constantemente os vínculos com essa ancestralidade africana, e também com a ancestralidade que tem como referência os tempos de escravidão no Brasil, e posteriormente os tempos remotos da capoeira de rua, das desordens e vadiagens, busca estabelecer o elo entre o seu passado ancestral, o seu presente constituído e o seu futuro enquanto possibilidade concreta de afirmação social, cultural e política. Manifesta-se assim, principalmente a partir do ritual da roda, a noção de circularidade do tempo na capoeira angola, e os processos de aprendizagem presentes

⁹⁹ ABIB, P. Os velhos mestres de capoeira ensinam pegando pelas mãos. In: Actas do VI Congresso Português de Sociologia-Mundos Sociais: Saberes e Práticas. 2008, p.8.

¹⁰⁰ MIRANDA, Claudia; RIASCO, Fanny Milena Quiñones. Pedagogias decoloniais e interculturalidade: desafios para uma agenda educacional antirracista. Educação em Foco, p. 545-572, 2016.p. 552

em seu universo acabam por serem também, em certa medida, influenciados por essa concepção de tempo”¹⁰¹

Mestre Pastinha, considerado o mais importante mestre de Capoeira Angola, sempre afirmou durante vida que a Capoeira é uma forma de resistência da cultura negra africana. Mesmo que a desconstrução do pensamento colonial seja algo recente não devemos deixar de notar que essa consciência de resistência já existia por parte dos praticantes de capoeira. A Capoeira Angola, principalmente, sempre busca ressaltar suas origens africanas e a importância da manutenção dessa identidade afrodescendente no jogo.

O texto *Pedagogias decoloniais e interculturalidade: desafios para uma agenda educacional antirracista* afirma que é necessário muitas vezes ultrapassar os muros das escolas para que possamos perceber esses movimentos de afirmação dessas “novas identidades”. A capoeira é um excelente exemplo do cenário exposto acima, uma vez que a capoeira implica um processo de educação não formal que também é uma forma de resistência aos padrões de comportamento colonial.

Esse elemento da cultura afrodescendente, porém, foi diversas vezes alvo de discussões, pois durante as últimas décadas alguns estudiosos acusam a capoeira de ter se embranquecido, se referindo principalmente à Capoeira Regional. A construção da capoeira como uma luta brasileira e um elemento importante compositor da cultura nacional foi feita na época do presidente Getúlio Vargas pois nessa época estava se construindo uma identidade nacional. Essa construção porém colocava a capoeira como parte de uma cultura mestiça e não como um elemento de uma cultura que se originou no continente africano.

“Como exemplo, durante o registro ocorreu de um renomado mestre baiano discordar do reconhecimento como patrimônio cultural do Brasil, na medida em que desejava que a capoeira fosse registrada como ‘patrimônio cultural afro-brasileiro’, ainda que não existisse um instrumento legal que permitisse prerrogativa”¹⁰²

¹⁰¹ ABIB, P. Os velhos mestres de capoeira ensinam pegando pelas mãos. In: Actas do VI Congresso Português de Sociologia-Mundos Sociais: Saberes e Práticas. 2008, p.8-9

¹⁰² CID, Gabriel da Silva Vidal; DE CASTRO, Maurício Barros. Processo de patrimonialização e internacionalização: algumas reflexões iniciais sobre o caso da capoeira entre o nacional e o global, in. *Relações Raciais e Políticas de Patrimônio*. 2016, p.185

O trecho acima portanto, nos mostra que apesar de haver sim uma valorização da capoeira essa valorização não foi feita levando em consideração o fato de a mesma ser um elemento proveniente de uma cultura negra. Isso mostra uma tentativa de incorporar a capoeira como um elemento nacional, apagando porém seu passado, por estar diretamente ligado a escravidão brasileira, que como visto anteriormente, é um elemento da história que por muito tempo foi omitido.

“ Buscamos neste texto uma aproximação com as formas tradicionais de transmissão dos saberes pertinentes a grupos sociais geralmente excluídos, considerados atrasados e rudimentares, assim como é vista a maior parte das manifestações tradicionais populares, por certos setores da intelectualidade acadêmica”¹⁰³

“Nesse sentido, entendemos ser fundamental o debate acerca da memória, da ancestralidade, da oralidade e da ritualidade, sobretudo quando se trata de grupos sociais que lutam para preservar sua cultura e suas tradições, e do papel que exercem os processos educacionais nesses contextos, onde as formas de transmissão dos saberes podem nos permitir uma profunda reflexão sobre as possibilidades de pensar novos caminhos para a educação formal em nosso país”¹⁰⁴

Baseado nos trechos do texto de Abib, a conclusão que tiro é que, a capoeira ter sido valorizada culturalmente através de um processo que tentou apagar suas origens Africanas, faz com que a continuidade de seu ensino por parte dos mestres de capoeira seja essencial. Apenas com a continuidade da prática será possível que esse processo de desconstrução continue e que a capoeira passe a ser vista, não apenas como um esporte lúdico, mas também como uma forma de resistência que apesar de toda a opressão e inclusive de ter sido considerada ilegal, se manteve viva por séculos.

¹⁰³ ABIB, P. Os velhos mestres de capoeira ensinam pegando pelas mãos. In: Actas do VI Congresso Português de Sociologia-Mundos Sociais: Saberes e Práticas. 2008, p.9

¹⁰⁴ ABIB, P. Os velhos mestres de capoeira ensinam pegando pelas mãos. In: Actas do VI Congresso Português de Sociologia-Mundos Sociais: Saberes e Práticas. 2008, p.9

Considerações Finais

Os metres de capoeira se mostraram essenciais para o universo da capoeira principalmente nas últimas décadas, pois essa arte só passou a ser vista e valorizada como é, em grande parte por conta de ações realizadas por esses sábios.

Apesar de a capoeira já existir sem a existência do termo “mestre” sempre existiram capoeiristas que exerciam tal função. Pelo fato de que a capoeira carregar consigo uma lembrança da escravidão do Brasil, foi por muito tempo criminalizada o que dificultava a existência de qualquer registro escrito, além de que a maioria de seus praticantes não eram letrados.

O contexto descrito acima evidencia como os mestres de capoeira são importantes, pois esses sábios, por um longo período de tempo, foram os únicos responsáveis e capazes de manter a capoeira como uma prática viva.

Ser um mestre de capoeira não significa apenas saber jogar bem, é necessário conhecer muito mais do que os movimentos. Os mestres de capoeira são aqueles que dominam o conhecimento sobre os golpes, as gingas, os mitos fundadores, as formas de tocar os instrumentos, os cantos, os rituais e acima de tudo dominam a arte de saber ensinar a capoeira.

“Diz uma cantiga de capoeira que ‘só tempo te faz mestre, não o diploma que comprou’, e isso implica que o mestre de capoeira seja alguém que possua, além da capacidade e habilidade na prática do jogo, muita experiência de vida(...) O título atribuído pelo grupo social ao qual representa, que, em última instância, é quem delega autoridade às suas lideranças”¹⁰⁵

Ensinar capoeira não é algo que um diploma pode legitimar, pois, capoeira não é apenas um esporte, é uma arte, uma dança, uma luta e um elemento folclórico, além de uma forma de resistência da cultura africana no Brasil. Tornar-se mestre de capoeira é um longo processo de construção que não implica uma formação acadêmica. Receber o título de mestre de capoeira é um processo acumulo de saberes sobre a arte e a legitimação dos mesmos frente a comunidade e a seu próprio metre.

O mestre de capoeira portanto não é como o mestre que conhecemos academicamente, esse sábio é uma figura ímpar, cuja formação é longa e indispensável, que carrega consigo um saber único e que também é um símbolo de resistência da cultura popular.

¹⁰⁵ ABIB, P. Os velhos mestres de capoeira ensinam pegando pelas mãos. In: Actas do VI Congresso Português de Sociologia-Mundos Sociais: Saberes e Práticas. 2008, p.8

Referência Bibliográfica

- ABIB, P. Os velhos mestres de capoeira ensinam pegando pelas mãos. In: Actas do VI Congresso Português de Sociologia-Mundos Sociais: Saberes e Práticas. 2008
- ALBERTI, Verena, "Introdução". In. Manual da História Oral. FGV Editora, Rio de Janeiro, 2013.
- ALENCAR, Rívia Ryker Bandeira de (coord. e org.). Salvaguarda da Roda de Capoeira e do Ofício dos Mestres de Capoeira: apoio e fomento. Brasília: IPHAN, 2017.
- Brasil, Decreto n 3.551 de 4 de agosto de 2000
- CAMPOS, Hellio. Capoeira regional: a escola de Mestre Bimba. SciELO-EDUFBA, 2009
- CARDOSO, Fabíola Nogueira da Gama. Diversidade cultural e identidade nacional: Aspectos da política federal de registros de bens culturais de natureza imaterial, in: *Práticas e Reflexões*. Rio de Janeiro, IPHAN, 2007
- CID, Gabriel da Silva Vidal. A capoeira como patrimônio cultural: na roda da memória quem inscreve identidades?. A política do intangível, 2012.
- CID, Gabriel da Silva Vidal; DE CASTRO, Maurício Barros. Processo de patrimonialização e internacionalização: algumas reflexões iniciais sobre o caso da capoeira entre o nacional e o global, in. *Relações Raciais e Políticas de Patrimônio*. 2016.
- FONTOURA, Adriana Raquel Ritter; DE AZEVEDO GUIMARÃES, Adriana Coutinho. História da capoeira. Journal of Physical Education, v. 13, n. 2, 2002.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Dossiê Inventário para registro e salvaguarda da capoeira como patrimônio cultural do Brasil. Brasília, 2007
- MIRANDA, Claudia; RIASCO, Fanny Milena Quiñones. Pedagogias decoloniais e interculturalidade: desafios para uma agenda educacional antirracista. **Educação em Foco**, p. 545-572, 2016.
- LE GOFF, Jaques. Memória. In: *História e Memória*. 7.ed. Campinas: Editora Unicamp, 2016.
- LONDRES, Cecília. Para além da "'pedra e cal'": por uma concepção ampla de patrimônio. Revist Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, v.147, 2001.

ORWELL, George. 1984. Editora Nacional, São Paulo, 2004.

PAIVA, Ilnete Porpino de. A capoeira e os mestres. 2007,p.113-154

PASTINHA, Mestre. Capoeira angola. Governo Democrático da Bahia, Secretaria da Cultura, Fundação Cultural do Estado da Bahia, Ministério da Cultura, 1988,p.21.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Revista estudos históricos, v. 2, n. 3, 1989.

POLLAK,Michael. “Memória e identidade social”. In. *Estudos históricos* ,Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992.

REIS, Leticia. Mestre bimba e Mestre Pastinha: A capoeira em dois estilos.in. *Artes do corpo*, v. 2, 2004

VASSALO, Simone Pondé. Capoeiras e intelectuais: a construção coletiva da capoeira autêntica. Revista Estudos Históricas, v. 2, n. 32.